



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES
AMAZÔNICAS**

ESTER BRAGA DE ARAUJO BERNARDI

**AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM LAGOA DA CONFUSÃO (1975-1991):
ANÁLISE DAS MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS MORADORES LOCAIS**

**Lagoa da Confusão, TO
2024**

Ester Braga de Araujo Bernardi

**As transformações urbanas em Lagoa da Confusão (1975-1991):
análise das memórias e narrativas dos moradores locais**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em História das Populações Amazônicas pela Universidade Federal do Tocantins.

Área de concentração: Memórias, patrimônio e organização dos espaços culturais amazônicos.

Orientador: Dr. Marcelo Gonzalez Fagundes

**Lagoa da Confusão, TO
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B523t Bernardi, Ester Braga de Araujo.

As transformações urbanas em Lagoa da Confusão (1975-1991): análise das memórias e narrativas dos moradores locais. / Ester Braga de Araujo Bernardi. – Porto Nacional, TO, 2024.

90 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em História das Populações Amazônicas (PPGHSPAM), 2024.

Orientador: Marcelo Gonzalez Fagundes

1. Transformações urbanas. 2. História Local. 3. Lagoa da Confusão. 4. Processo Histórico. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ester Braga de Araujo Bernardi

**As transformações urbanas em Lagoa da Confusão (1975-1991):
análise das memórias e narrativas dos moradores locais**

Dissertação avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Programa de Pós - Graduação em Histórias das Populações Amazônicas, para obtenção do título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 22/3/2024

Banca Examinadora

Prof. Dr. Dr. Marcelo Gonzalez Fagundes
Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Cleube Alves da Silva
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal do Norte do Tocantins

Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho
Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas
Universidade Federal do Tocantins

Dedico esta dissertação de mestrado à Deus,
essa força maior, que guia e ilumina a minha
vida.

Aos meus filhos: Matheus, Isabela e Beatriz,
fonte de inspiração.

À todas as pessoas que eu conheci nesse
período, cada uma me mostrou algo novo e
importante.

AGRADECIMENTOS

A dissertação é o resultado de uma jornada coletiva, na qual é imprescindível reconhecer a importância do envolvimento das pessoas.

Primeiramente, agradeço a Deus, alicerce de minha existência e espiritualidade.

Aos professores Dr. Odair Giraldiv e Dr. Marcelo Gonzalez Fagundes, expesso a minha gratidão pela paciência e orientação.

Aos membros da Banca de Qualificação, Profa. Regina Padovan e Prof. Marcelo Santos Rodrigues, por gentilmente aceitarem participar e colaborar com a minha dissertação. Também quero agradecer a todos os professores do Programa.

Expesso a minha gratidão a todos os professores do Programa de Mestrado, pela contribuição e expansão dos horizontes do saber.

A todos os dignísimos colegas do curso, expesso minha gratidão pela convivência na jornada acadêmica.

À minha família, esposo, filho e filhas, irmãs e irmão, por me apoiarem e compreenderem o meu isolamento em feriados e inúmeras tardes de domingo.

Agradeço imensamente à Profa. Dra. Natália Couto Abreu pela atenção e pelas trocas oportunizadas no período do Estágio de Docência no IFTO/Campus Lagoa da Confusão.

À Universidade Federal do Tocantins (UFT) pela oportunidade de qualificação.

Como pesquisadora, reconheço a conexão íntima entre a minha trajetória e as narrativas dos participantes deste estudo, aos quais expesso meu respeito e agradecimento especial.

A todas as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para a realização deste trabalho.

À colega historiadora Benta Ferreira Lopes, por seu envolvimento no trabalho relacionado às memórias, sua participação foi muitíssimo útil.

“[...] o dever da memória faz de cada um
o historiador de si mesmo”.
(Nora, 1993, p. 17).

RESUMO

As transformações urbanas em Lagoa da Confusão: análise das memórias e narrativas dos moradores locais é um estudo inspirado na minha vivência como educadora na região desde a década de 1990, e leva em consideração os questionamentos que surgiram sobre a abordagem da história local nas escolas, devido à falta de fontes sobre a memória coletiva, impondo desafios aos educadores. A presente pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas (PPhispam) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional, apresenta um recorte temporal, compreendido entre 1975 e 1991, e justifica-se pela expressiva transformação que a cidade de Lagoa da Confusão vivenciou nesse intervalo. Essa escolha abrange desde os primórdios do povoado até a sua emancipação como município no início da década de 1990, marcada por eventos cruciais que moldaram a identidade e a configuração urbana da cidade. A abordagem metodológica adotada se alinha aos preceitos da pesquisa qualitativa, destacando a relevância da perspectiva das testemunhas oculares para compreender as nuances das transformações urbanas. Os resultados desta pesquisa contribuem não apenas para a documentação dos eventos históricos, mas também para a apreensão das experiências pessoais que se entrelaçam com o desenvolvimento urbano, proporcionando uma compreensão mais holística e contextualizada do processo histórico em questão.

Palavras-chaves: Transformações urbanas. História Local. Lagoa da Confusão. Processo Histórico.

ABSTRACT

Urban transformations in Lagoa da Confusão: analysis of memories and narratives of local residents is a study inspired by my experience as an educator in the region since the 1990s, and takes into consideration the questions that have arisen about the approach to local history in schools, due to the lack of sources on collective memory, posing challenges to educators. This research, carried out within the scope of the Graduate Program in History of Amazonian Populations (PPhispam) at the Federal University of Tocantins (UFT), Porto Nacional Campus, presents a temporal cut, understood between 1975 and 1991, and is justified by the significant transformation that the city of Lagoa da Confusão experienced during this period. This choice encompasses from the early days of the settlement to its emancipation as a municipality in the early 1990s, marked by crucial events that shaped the identity and urban configuration of the city. The methodological approach adopted aligns with the principles of qualitative research, highlighting the relevance of the perspective of eyewitnesses to understand the nuances of urban transformations. The results of this research contribute not only to the documentation of historical events but also to the apprehension of personal experiences intertwined with urban development, providing a more holistic and contextualized understanding of the historical process in question.

Keywords: Urban Transformations. Local History. Lagoa da Confusão. Historical Process.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização de Lagoa da Confusão no Tocantins	28
Figura 2 - Pedra no interior da lagoa	34
Figura 3 - Maquete realizada por estudantes indígenas da aldeia Horotory	35
Figura 4 - Portal de entrada da cidade	36
Figura 5 - Aldeia.....	53
Figura 6 - Bolsas de palha	53
Figura 7 - O tempo	62
Figura 8 - Localização do Estado do Tocantins - Brasil.....	67
Quadro 1 - Características dos participantes da pesquisa.....	44

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CMPI	Comissão Nacional de Política Indígenista
Funai	Fundação Nacional do Índio
GETAT	Grupo Executivo de Terras da Região Araguaia Tocantins
HO	História Oral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
Mapa	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto
PROTERRA	Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e do Nordeste
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Aproximação do pesquisador com a temática.....	13
1.2	Apresentação da problemática e objetivos da pesquisa	14
1.3	Memória Coletiva e Memória Individual: diálogo entre as abordagens teóricas.	18
1.4	É na história vivida que se apoia nossa memória	22
1.5	O povoado de Lagoa da Confusão.....	28
1.5.1	Apresentação da área de estudo	28
2	OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	38
2.1	Metodologia	38
2.2	Perfil dos entrevistados	43
3	NARRATIVAS DE VIDA	50
3.1	Experiências pessoais e memórias compartilhadas	50
3.2	Memória em foco: Júlio Paternostro e a dinâmica política regional	59
3.3	O impacto da Belém- Brasília na gênese do Tocantins	63
3.4	Influência do estado do Tocantins na região da Amazônia Legal.....	66
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS.....	78
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	83
	APÊNDICE B - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO	85
	APÊNDICE C - FICHA DO INFORMANTE.....	86
	ANEXO A - PRODUTO FINAL CURSO DE EXTENSÃO.....	87

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aproximação do pesquisador com a temática

“Quando eu quero imaginar como vivíamos, como pensávamos nesse período,
é para eles que se volta a minha reflexão.”
(Maurice Halbwachs, A Memória Coletiva).

Pesquisar não é uma tarefa fácil. É preciso olhar para a floresta e voltar para a árvore, pois essa analogia entre olhar para a floresta, compreendendo o panorama amplo, e voltar para a árvore, analisando os detalhes específicos, assume um papel crucial na construção de um entendimento abrangente nesta pesquisa de campo. É um trabalho que implicou curiosidade e leitura para desvelar o objeto. A reflexão inicial, mencionada na epígrafe, sintetiza as trilhas desta escrita, em andamento, uma vez que da memória vem a inspiração para as palavras e pensamentos.

Como professora pedagoga, minha trajetória na educação teve início em Lagoa da Confusão após o desmembramento do município de Cristalândia pela Lei n.º 251, em fevereiro de 1991. Em 1993, integrei o quadro da educação municipal, momento que coincidiu com a posse do primeiro prefeito eleito e a implementação da Lei Orgânica, além da realização do primeiro concurso público municipal para educadores. Nesse contexto, assumi a função de docente na Escola Municipal Pedro Guerra.

Inicialmente, durante minhas caminhadas diárias entre casa e chão da escola, despertei para a importância de investigar a história local. Essa inspiração em relação ao estudo da história se transformou na ideia de criar, em conjunto com estudantes e outros profissionais, um projeto pedagógico batizado de *Conto e Reconto*. Esse empreendimento, baseado na tradição da história oral, tornou-se uma fonte de informações sobre o passado da cidade.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 2001, o aprofundamento das pesquisas sobre distintos grupos sociais e comunidades tem acarretado mudanças nas concepções temporais, rejeitando a ideia de um único tempo contínuo e evolutivo aplicável a toda a humanidade. Os estudos argumentam que, ao considerar os conflitos entre povos, grupos e classes, a realidade é modelada por descontinuidades políticas, rupturas nos embates, momentos de tradições ou valores duradouros e transformações rápidas.

De acordo com os critérios dos PCNs, a escolha dos conteúdos relevantes a serem estudados tem como base as problemáticas locais que afetam os estudantes e as escolas. É importante considerar que essas questões estão interligadas com problemáticas regionais,

nacionais e globais. As informações históricas locais selecionadas têm o propósito de proporcionar aos estudantes a formação de um repertório intelectual e cultural que lhes permita estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e grupos sociais presentes na realidade vivida. Essa formação abrange diversos aspectos, tais como o âmbito familiar, convívio escolar, atividades de lazer, relações econômicas, políticas, artísticas, religiosas, sociais e culturais.

Ademais, a presente pesquisa foi influenciada pelo meu envolvimento pedagógico e minhas vivências em sala de aula, remontando ao tempo do giz de cal, do quadro verde e do mimeógrafo. Nessa perspectiva, compartilho da visão de Freire (1996), ao enfatizar a importância de valorizar a beleza intrínseca da prática docente, a qual se perde quando não há a devida atenção ao conhecimento a ser transmitido e quando não há dedicação na busca e disseminação desse conhecimento.

Graças a essas experiências que me aproximaram do tema, foi com o ingresso no Programa de Pós-graduação em História das Populações Amazônicas da UFT, em 2021, que encontrei a motivação em pesquisar sobre as transformações urbanas de Lagoa da Confusão, a partir de suas memórias e histórias. As leituras e discussões empreendidas nesse programa proporcionaram um ambiente propício de aprofundamento e reflexões sobre a história local e do cotidiano, impulsionando interesse e entusiasmo pelo tema de estudo.

Se a faculdade da memória permite que os sujeitos se descubram a si mesmos e o mundo que os cerca, revelando a importância da experiência para a formação intelectual, social e cultural, então, é ela o tema central e serão apresentadas e analisadas nesta pesquisa, configurando o produto educacional. Por fim, como proposta de produto final propõe-se um curso de extensão com os estudantes das 3^a séries do Ensino Médio do Colégio Estadual Lagoa da Confusão. Como complemento, propõe-se a realização de um vídeo, intitulado *Memórias e Histórias: 1975-1991*, que, de maneira envolvente, narrará algumas transformações que deram forma a essa localidade singular, resgatando e celebrando as ricas histórias que entrelaçaram seu tecido temporal.

1.2 Apresentação da problemática e objetivos da pesquisa

A motivação que me impulsionou a investigar as metamorfoses urbanas de Lagoa da Confusão, valendo-me das memórias dos habitantes locais, remonta ao exercício do meu magistério. Este estudo encontra suas raízes na minha vivência pedagógica desde os anos 1990, na Escola Municipal Pedro Guerra, uma das primeiras instituições municipais da cidade,

contribuindo para a história educacional pioneira do município de Lagoa da Confusão.

Ao longo de minha permanência nessa unidade escolar e na convivência com outros profissionais da educação do município, surgiram uma série de indagações que definiram o quadro problemático que esta dissertação visa abordar.

Destaca-se o desafio enfrentado pelos educadores ao abordar a história local, devido à limitação de fontes que tratam da memória coletiva, o que dificulta a prática pedagógica e restringe o aprofundamento na historiografia da cidade de Lagoa da Confusão. Nesse contexto, surgiu a necessidade de explorar as memórias individuais e pessoais dos moradores locais como estratégia para inicialmente suprir parte da carência de informações. Assim, as ideias amadureceram e se transformaram no problema desta pesquisa, enquanto o arcabouço de fontes se ampliaram por meio de pesquisas preliminares e experiências práticas.

Consoante as reflexões de Tursi Toledo (2011), a proposta de abordar a história local no ensino de História, amplamente aceita por aqueles engajados nessa temática, tem o potencial de quebrar com o modelo tradicional de ensino histórico. Esse enfoque pode abrir espaço para uma compreensão mais contextualizada e significativa do passado, proporcionando aos estudantes uma conexão mais direta com sua própria realidade e identidade.

Pode-se afirmar que, ao registrarmos algo, não estamos diretamente acessando um registro intocado do passado, mas sim reconstruindo essa memória com os elementos disponíveis no presente. Como enfatizado por Halbwachs (1990), uma lembrança consiste, em grande medida, na continuidade do passado, utilizando dados emprestados do presente e, adicionalmente, moldada por outras reconstruções que ocorreram em épocas anteriores. É a partir desse processo que a imagem do passado frequentemente se apresenta consideravelmente modificada (Halbwachs, 1990).

Por conseguinte, a proposta deste estudo consiste em adentrar nos acervos íntimos e pessoais daqueles que vivenciaram a história local, a fim de compreender as diversas dimensões desse universo multifacetado. A pesquisa visa não apenas explorar o passado, mas também aprofundar-se nas perspectivas individuais e nas narrativas pessoais que compõem o rico tecido da história de Lagoa da Confusão.

Além disso, a compreensão desses testemunhos permite a visão das problemáticas locais e de como elas estão conectadas a fenômenos e eventos de âmbito mais amplo, tanto no passado quanto no presente. Em suma, dessa lacuna compreende a necessidade de investigar nesta abordagem de pesquisa histórica, com o objetivo de ampliar o conhecimento e a compreensão

da história local¹, por meio da valorização da memória coletiva e da história da comunidade.

É relevante retornar às reflexões propostas pela professora Eclea Bosi (1994), em sua obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, na qual ela discute o conceito de memória, indo além da mera lembrança. A autora destaca que a memória é resultado de um processo ativo. Nesse contexto, questiona a preservação do passado tal como ocorreu, guardado no inconsciente individual de cada sujeito.

Dito isso, a conexão com o passado é um contributo para compreender as transformações urbanas que ocorreram ao longo do tempo. Conforme o pensamento do medievalista francês, Jacques Le Goff, a disciplina de história não lida com uma realidade que pode ser rigidamente construída ou diretamente observada, como acontece nas áreas da matemática, das ciências naturais e das ciências da vida. Em vez disso, a história se concentra em uma realidade que é explorada, questionada e testemunhada. Isso significa que os historiadores investigam e examinam a realidade por meio de perguntas e testemunhos, em oposição à abordagem mais objetiva e observacional de outras disciplinas científicas (Le Goff, 1990).

Assim, os relatos que corroboram este estudo tiveram origem como narrativas, sendo expostos por indivíduos que podem afirmar ter testemunhado e experimentado os eventos. Ao conectar os pontos mencionados na pesquisa, torna-se pertinente investigar a edificação das memórias, a forma como as narrativas históricas são difundidas e preservadas, além do desenvolvimento da memória coletiva ao longo do tempo. Esses elementos colaboram significativamente para a configuração da identidade e história locais.

Nas palavras do historiador dos *Annales*²,

Este aspecto da história-relato, da história testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica deste tipo de história pela vontade de colocar a explicação no lugar da narração, mas também, ao mesmo tempo, presencia-se o renascimento da história-testemunho através do "retorno do evento" (Nora) ligado aos novos media, ao surgimento de

¹ “A história local é recurso teórico-metodológico de pesquisa, que se propõe estabelecer relações espaço temporais, cabendo explicitar que, ao trabalhar com a análise em escalas, definindo uma maior ou menor dimensão, busca-se o aporte em um recorte metodológico – o local em relação a um espaço definido, porém em conexão com outros” (Melo, 2015, p. 52).

² “A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. A Escola dos Annales deixou sua marca bem notável da historiografia desde então e continua existindo até hoje. Desde seu surgimento, passou por quatro fases e teve grandes nomes como representantes de cada uma. A primeira delas, a fase de fundação, é identificada por seus criadores Marc Bloch e Lucien Febvre. A segunda fase, já em torno de 1950, é caracterizada pela direção e marcante produção de Fernand Braudel. A partir da terceira geração a Escola dos Annales passou a receber uma identificação mais plural, na qual destacaram-se vários pesquisadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora. A quarta geração da Escola dos Annales é referente a um período que se inicia em 1989, neste momento há um desenvolvimento notório da História Cultural e os grandes nomes que a representam são, por exemplo, Georges Duby e Jacques Revel” (Burke, 1991, p. 1).

jornalistas entre os historiadores e ao desenvolvimento da "história imediata" (Le Goff, 1990, p.9).

Portanto, o estudo em questão tem como propósito contribuir para o conhecimento e preservação da memória local, a fim de que a história seja compreendida como um trabalho ativo e coletivo, mantendo viva a identidade histórica da comunidade.

Para tanto, é responsabilidade do historiador questionar o passado e, com base em evidências fragmentárias, identificar soluções. Essas soluções são o que denominamos de conhecimento histórico, resultado de análises e estudos das atividades passadas de homens e mulheres, bem como das evidências deixadas por eles.

Seguindo nesse raciocínio, Le Goff (1990) ressalta que mesmo um documento considerado falso possui valor como testemunho histórico, revelando informações sobre o período em que foi fabricado e o momento em que foi aceito como autêntico e utilizado como tal. Nesse sentido, compreende-se que nenhum documento é isento de significado, sendo necessário que o historiador o analise, desestruture, desmonte e desmistifique para obter uma compreensão mais profunda do contexto histórico ao qual ele se refere.

É crucial destacar que o propósito desta pesquisa ostentou uma natureza dual. Inicialmente, buscou-se coletar relatos biográficos com o objetivo de compreender como os indivíduos influenciaram o desenvolvimento de suas trajetórias em relação às memórias da cidade de Lagoa da Confusão. Em seguida, procurou-se analisar essas memórias, estabelecendo um diálogo com o conhecimento científico, utilizando autores de referência como alicerce para a fundamentação teórica.

Pode-se afirmar que o estudo em questão se fundamentou na análise dos depoimentos de indivíduos da comunidade, cujas idades variam entre 50 e 65 anos ou mais, que voluntariamente compartilharam suas lembranças sobre o passado e suas vivências. Essas pessoas desempenham o papel de guardiões do passado, conforme o conceito descrito por Bosi (1994).

É evidente que a condução de entrevistas no âmbito de pesquisas possui implicações éticas que exigem uma abordagem cuidadosa quanto à utilização das experiências dos participantes (Meihy; Ribeiro, 2011). No entanto, ao destacar o trecho citado pela historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado, é possível perceber que a metodologia da história oral apresenta desafios significativos. Essa abordagem lida diretamente com sujeitos históricos que não apenas testemunharam os eventos do passado, mas que também viveram concretamente o cotidiano de suas vidas.

Entre os muitos desafios da história oral, destacam-se, portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado pelo adulto ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje (Delgado, 2010, p. 18).

Tendo em mente o intuito de viabilizar a compreensão acerca das ações dos sujeitos históricos, suas experiências e memórias, tornou-se imprescindível conduzir o estudo por meio das entrevistas individuais com dez participantes da comunidade em foco. A escolha desse número de entrevistados foi estratégica, visando obter uma amostragem representativa para permitir uma comparação sistemática dos depoimentos coletados.

O método adotado para as entrevistas foi semiestruturado, com perguntas abertas proporcionando uma abordagem flexível que permitiu a exploração de temas específicos, tais como os desdobramentos de história de vida: os movimentos sociais e urbano, atividades da vida cotidiana e eventos relacionados com as atividades profissionais.

Cada entrevista foi conduzida em um ambiente tranquilo e confidencial, propício para os entrevistados compartilharem suas experiências de maneira aberta e autêntica. As gravações de áudio e vídeos foram realizadas com a autorização dos colaboradores.

A análise dos dados coletados seguiu uma abordagem qualitativa guiada pelo rigor metodológico adotado durante o processo de entrevistas, que propôs assegurar a confiabilidade e a validade dos dados, contribuindo para uma compreensão ampliada sobre as transformações urbanas em Lagoa da Confusão, conforme relatadas por membros da comunidade.

1.3 Memória Coletiva e Memória Individual: diálogo entre as abordagens teóricas

Nesse sentido, a figura essencial para estudar o fenômeno da memória é Maurice Halbwachs, cuja obra clássica *A memória Coletiva* foi publicada originalmente em 1950. O conceito central de sua teoria é a memória coletiva, que sustenta que a evocação e a localização das lembranças só são viáveis quando consideramos os contextos sociais que servem como pontos de referência nessa reconstrução chamada memória.

Maurice Halbwachs (1990) aborda as memórias coletivas que possuem significado em relação a um grupo ao qual o indivíduo pertence ou pertenceu. Ele argumenta que essas memórias se referem a situações compartilhadas em um passado comum e só se transformam em memória quando o indivíduo sente um vínculo afetivo com o grupo. De acordo com os argumentos do referenciado autor, os eventos históricos desempenham um papel secundário na

construção da memória e são considerados auxiliares da memória, pois marcam as divisões do tempo, como as horas em um relógio ou os dias no calendário, proporcionando uma estrutura temporal para organizar as lembranças. Nas suas palavras:

Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo (Halbwachs, 1990, p. 25).

Ainda em relação à relevância da memória coletiva na evocação de experiências compartilhadas por um grupo de indivíduos, Halbwachs (1990) destaca:

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (Halbwachs, 1990, p. 25).

Com base nesse argumento, podemos afirmar que o autor parte da suposição de que a nossa impressão de uma experiência não se sustenta apenas em nossa própria lembrança individual. Ele argumenta que, além da nossa gravação pessoal, a impressão é fortalecida quando também consideramos as lembranças de outras pessoas que compartilharam a mesma experiência.

Ademais, emerge a imagem reflexiva de Eclea Bosi, que expressa: “É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (Bosi, 1994, p. 48). Além disso, essa perspectiva ressalta a influência do ambiente atual sobre a documentação de nossas memórias, enfatizando a dinâmica constante entre o presente e o passado.

No que tange às ideias de Meihy e Ribeiro (2011), ele aborda a história oral de vida como um retrato oficial, uma versão fabricada e intencional. Sob essa ótica, a verdade está intrinsecamente ligada à versão apresentada pelo narrador, que detém o poder de revelar, ocultar, negar, esquecer ou distorcer casos e situações. O objetivo é compreender a organização mental dos colaboradores, reconhecendo a subjetividade envolvida na construção das narrativas históricas (Meihy; Ribeiro, 2011).

Dessa maneira, a realização de um número significativo de entrevistas se torna essencial. Ao longo do processo de coleta de dados, notou-se a importância de capturar uma ampla gama de experiências, histórias e pontos de vista, considerando as múltiplas perspectivas e vozes presentes na comunidade.

Para além disso, a abordagem de envolver diversas pessoas da comunidade na pesquisa contribuiu para uma representação mais inclusiva e equitativa da história local. Os diferentes

grupos foram reconhecidos como sujeitos históricos, cada um desempenhando um papel único na formação da identidade e evolução da comunidade ao longo do tempo.

Evidentemente, nessa abordagem de pesquisa, o conceito de memória, conforme proposto por Halbwachs (1990) e Bosi (1994), desempenha um papel fundamental, embora em perspectivas distintas.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória não é um fenômeno individual e isolado, mas sim coletivo e socialmente construído. As lembranças individuais são influenciadas pelas representações e interações sociais, sendo moldadas pelos grupos aos quais os indivíduos pertencem. Isso implica que a memória é construída e reinterpretada continuamente no contexto das relações sociais e das práticas discursivas.

Eclea Bosi (1994), por sua vez, destaca a importância de ouvir e comparar diferentes depoimentos para recuperar a ação dos diferentes grupos e sujeitos históricos. Ao considerar que a história e a experiência humana podem ser contraditórias, é necessário buscar múltiplas perspectivas e testemunhos para obter uma compreensão mais completa e complexa dos eventos passados. Isso implica realizar entrevistas com diferentes pessoas, de diferentes grupos sociais, a fim de obter diferentes pontos de vista e percepções sobre os acontecimentos históricos (Bosi, 1994).

De acordo com a experiência da releitura, Bosi (1994) destaca a influência do tempo na formação da percepção do passado:

A certa altura do seu estudo, Halbwachs detém-se para examinar mais miudamente, o modo pelo qual se vai formando a “reconstrução do passado”. A situação tomada como exemplo é a releitura que o adulto faz de um livro de narrativas lido na já distante juventude (Bosi, 1994, p. 56).

No que se refere aos pressupostos da História Oral (HO), Bosi (1994) destaca o estudo realizado por Halbwachs (1990), que se dedica a investigar minuciosamente o processo de formação da reconstrução do passado. Essa reconstrução refere-se à maneira como as memórias do passado são recriadas e reinterpretadas ao longo do tempo.

Segundo Bosi (1994), a memória é retratada como um tesouro inesgotável, construído a partir de fragmentos e recordações vivas, em que cada lembrança evoca outras lembranças, conectando-se a lugares e objetos que guardam uma relação íntima com o passado. Partindo dessa compreensão, é possível interpretar as narrativas das pessoas entrevistadas como instrumentos concretos que testemunham, armazenam e registram suas recordações. Nesse sentido, respaldando essa visão, George Minois argumenta que para compreender o futuro é necessário compreender o passado, lançando um olhar para trás antes de projetar-se para o

futuro (Minois, 2016). Além disso, a projeção do porvir implica em construir uma imagem fictícia futurística, uma possibilidade de dar forma aos sonhos coletivos almejados para o amanhã.

O estudo da História nos leva a refletir sobre a importância do tempo, como destacado por Delgado (2009), ao afirmar que o tempo é elemento fundamental ao estudo da História. Embora o tempo seja uma noção aparentemente abstrata, ele se revela como uma vivência concreta e figura como categoria central na dinâmica histórica.

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações que seria a demora, a lentidão a rapidez. Ademais, o tempo é um processo em eterno curso e em permanente devir, é um norteador de perspectivas e visões sobre o passado, traz avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (Delgado, 2009, p. 10).

Essa compreensão sobre o tempo, conforme destacado por Delgado (2009), é fundamental para apreendermos sua influência na trajetória humana e em nossas interpretações históricas. O tempo, enquanto fenômeno complexo, revela-se como um movimento dotado de diversas facetas, características e ritmos. Ao ser inserido na vivência humana, o tempo assume um papel fundamental e engloba uma série de elementos essenciais para compreendermos sua natureza. Esses elementos incluem durações, rupturas, convenções e representações coletivas que permeiam nossa experiência temporal.

Nesse contexto, é imprescindível compreender que o olhar humano sobre o tempo, assim como a percepção e interpretação da história, estão intrinsecamente ligados à noção de historicidade. São os próprios indivíduos que constroem suas visões particulares e representações das diversas temporalidades e eventos que moldaram sua própria trajetória histórica. Partindo dessa premissa, Delgado (2009) argumenta que tanto a História quanto a memória possuem a responsabilidade de empreender essa tarefa, de buscar compreender e reconstituir essa complexa teia temporal.

Ainda conforme Delgado (2009), o entrelaçamento entre tempo, memória, espaço e história se revela constantemente em uma relação tensa de busca pela apropriação e reconstrução da memória pela história. Essa tensão se faz presente, por exemplo, na reconstrução de lembranças e nas pesquisas que abarcam temas como guerras, vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos e lutas pelo poder. Embora o tempo não possua o poder de alterar o que já ocorreu, sua atuação se faz sentir ao modificar ou reafirmar o significado do passado. Da mesma forma, mesmo diante da imprevisibilidade do futuro, o tempo projeta utopias e delinea possibilidades para o futuro

almejado, incorporando as tonalidades do presente e as sutilezas do passado.

Segundo as observações de Pollack (1992), a primeira percepção da memória é comumente associada a um fenômeno individual, de caráter íntimo e pessoal. No entanto, a contribuição de Maurice Halbwachs nas décadas de 1920 e 1930 ressalta a importância de compreendê-la não somente como algo individual, mas também, e principalmente, como um fenômeno coletivo e social. Nessa perspectiva, a memória é concebida como um processo construído de maneira colaborativa, sujeito a oscilações, transformações e mudanças contínuas ao longo do tempo (Pollak, 1992).

Por outro lado, para Le Goff (1990), a memória coletiva pode se relacionar ou se opor à memória histórica, memória afetiva e memória intelectual.

Pierre Nora nota que a memória coletiva, definida como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”, pode à primeira vista opor-se quase termo a termo à memória histórica como se opunha antes memória afetiva e memória intelectual (Le Goff, 1990, p. 473).

Com base nessas conclusões e reflexões sobre a memória, a presente pesquisa, intitulada de *Transformações urbanas em Lagoa da Confusão*, empreendeu uma imersão nos caminhos das lembranças, utilizando as narrativas como instrumento para socialização da memória e da prática da arte de contar histórias.

Na transmissão da história, o narrador e o ouvinte são os pilares do processo, é através deles que os acontecimentos do passado ganham vida e significado. Dessa matéria-prima ocorre o intercâmbio de experiências que questiona a história contida nestas “ilhas de passado” (Halbwachs, 1990, p. 68).

1.4 É na história vivida que se apoia nossa memória

Diante da afirmativa que se inicia neste capítulo, um dos entrevistados expressou sua visão sobre a importância de apreciar as pequenas coisas como uma dádiva rara. Segundo o argumento deste colaborador: “*é por meio das ideias que podemos construir um futuro promissor, desde que mergulhemos na essência daqueles que estão comprometidos em criar um mundo repleto de qualidades*”. Essa perspectiva enfatiza a valorização dos detalhes e a necessidade de se envolver com pessoas comprometidas em promover mudanças positivas na sociedade.

Nesse sentido, a reflexão desse participante corrobora com os interesses da pesquisa, pois reflete sobre a necessidade de aprender com as experiências e valores daqueles que estão

genuinamente empenhados em criar um impacto positivo no mundo. Metaforicamente, compreende que “o narrador vence distâncias no espaço e volta para contar suas aventuras (Bosi, 1994, p. 84). É importante destacar que a pesquisa e a coleta de informações foram fomentadas a partir das indagações que foram surgindo no decorrer do meu trabalho.

A partir desses desdobramentos, Nora (1993) argumenta que:

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade, eles são seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro, o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história; espaço ou tempo, espaço e tempo de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre suas extensões e suas significações (Nora, 1993, p. 21).

A citação de Nora (1993) aborda a natureza peculiar dos lugares de memória em relação aos objetos tradicionais da história. Ao contrário desses objetos, os lugares de memória não possuem referentes na realidade externa, eles se autorreferenciam, sendo sinais em estado puro. Essa característica singular faz com que se tornem lugares de memória, pois escapam da história convencional, transcendendo espaço e tempo.

Assim, a escola é considerada um lugar de memória, pois trata-se do espaço onde a memória coletiva é preservada e compartilhada. Pierre Nora, em seu trabalho sobre a memória, argumenta que a memória não é apenas um processo interno, mas também moldada e mantida por elementos externos e concretos. A memória, para esse autor, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, ou no objeto (Nora, 1993). A partir dessa compreensão, entende-se que tudo se torna objeto de memória e nisso não há uma hierarquia.

Pode-se dizer que os lugares de memória desempenham uma função pedagógica, uma vez que perduram na forma de rastro e são objeto de discussão. Inicialmente, essa compreensão fundamenta-se em uma pesquisa na qual professores de instituições locais contribuíram com suas reflexões, visando explorar suas perspectivas sobre o ensino da história local e os conteúdos abordados nesse contexto.

Acredito que o ensino de história local é fundamental para conectar os alunos com a comunidade ao seu redor. Ao explorar os lugares de memória da região, os alunos podem compreender melhor como os eventos passados moldaram o presente. Isso cria um senso de identidade e pertencimento, permitindo que os alunos apreciem a história que está bem próxima a eles (Entrevista com a Participante n.º 1).

Essa abordagem apresenta-se como uma possibilidade de ultrapassar os Estudos Sociais em termos de qualidade do conhecimento histórico. Isso se deve à capacidade de romper com a prática comum de transpor conteúdos previamente definidos para a análise regulamentada do

passado nacional. Como delineado na narrativa deste participante da pesquisa:

Na minha visão, a história local serve como um ponto de partida para explorar conceitos mais amplos. Ao mergulhar nas histórias de pessoas e eventos que ocorreram localmente, os alunos podem compreender melhor conceitos globais, como mudança social, diversidade cultural e interconexões. Isso torna o ensino de história mais relevante e envolvente (Entrevista com o Participante n.º 2).

É importante destacar que a pesquisa sobre o local, conforme delineado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é conduzida considerando dois aspectos temporais: os deslocamentos da população residente na região, como a chegada dos primeiros habitantes, migrações e emigrações (Toledo, 2011).

A história local é uma maneira de tornar a aprendizagem mais tangível. Ao explorar as narrativas compartilhadas pelos mais velhos, os estudantes podem visualizar e interagir com a história, tornando o aprendizado mais concreto e envolvente. Essas fontes vivas despertam o interesse dos estudantes, pois permite que tenham uma compreensão concreta das vivências passadas (Entrevista com o Participante n.º 4).

Ao investigar a memória, os estudantes conseguem interpretar de que forma as decisões tomadas em nível local têm repercussões em tendências de alcance mais amplo, como a autonomia política e administrativa percebida em diversas comunidades em todo o país. A abordagem de pesquisa qualitativa oferece uma visão enriquecedora, conectando eventos locais a fenômenos mais amplos e demonstrando como a compreensão da história local pode iluminar aspectos cruciais da história nacional.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória não é um fenômeno individual, mas sim um produto da interação social. Nesse sentido, o estudo da história local vai além da aquisição de informações ou direitos formais. Além disso, compreender a natureza coletiva da memória destaca a importância de considerar a influência do ambiente social na construção e preservação das lembranças individuais e coletivas.

A vida econômica nos coloca em relação com os bens materiais, porém de uma outra maneira que o exercício do direito de propriedade e o estabelecimento de contratos a propósito das coisas. Saímos do mundo dos direitos para penetrar aquele do valor; um e outro são bem diferentes do mundo físico, mas talvez, quando avaliamos os objetos, dele nos distanciamos ainda mais do que quando determinamos, de acordo com os outros homens, a extensão e os limites de nossos direitos sobre as diversas partes do mundo material (Halbwachs, 1990, p. 149).

Em seguida, ao dialogar com Eclea Bosi (1994), compreende-se que a lembrança é construída a partir dos materiais disponíveis no conjunto de representações presentes em nossa consciência. Essa imagem rememorada é influenciada pela sociedade que a reconstrói, sendo um produto social. Nessa perspectiva, a memória se relaciona com o presente, juntamente com outras lembranças que podem ter sido esquecidas, mas que são resgatadas no processo de

rememoração do passado (Bosi, 1994).

Ao considerar a importância das narrativas compartilhadas pelos mais velhos como uma fonte valiosa para o entendimento da história local, o participante 3 e o participante 4 apresentaram perspectivas convergentes que dialogam com os conceitos propostos por Eclea Bosi (1994). Ambos destacaram que a lembrança é uma construção ativa, enraizada na interação dinâmica entre o indivíduo e seu contexto.

Dentre as memórias coletivas que permeiam o nosso imaginário social, destaca-se o papel fundamental que desempenham na nossa integração como indivíduos nos grupos sociais. Conforme apontado por Halbwachs (1990, p. 25):

fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, como também completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. E deste modo, tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos.

Nessa compreensão, Halbwachs destaca a importância dos testemunhos na construção do conhecimento sobre um evento histórico. O autor ressalta que quando possuímos alguma informação sobre um evento, mesmo que algumas circunstâncias ainda permanecem desconhecidas, recorremos aos testemunhos como forma de fortalecer, enfraquecer ou complementar o que sabemos. É como se estivéssemos confrontando diferentes depoimentos, reunindo perspectivas diversas para obter uma visão mais completa e precisa do evento em questão. Ao fazer isso, estamos buscando preencher lacunas e superar as limitações do nosso conhecimento inicial, enriquecendo assim a compreensão coletiva da história.

Neste estudo, foi adotado o método da HO como uma abordagem qualitativa. Essa escolha se baseia nas fundamentações apresentadas por Amado (1995), que defende a utilização das entrevistas como fontes de informação pelos historiadores. Seguindo essa perspectiva, as entrevistas são tratadas como qualquer outro documento histórico, submetidas a rigorosas análises e contraprovas.

Por meio história oral, é possível obter pistas e informações significativas, muitas das quais são inéditas e não poderiam ser adquiridas por outros meios. Dessa maneira, as entrevistas desempenham um papel relevante na complementação e enriquecimento do conhecimento histórico, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e detalhada dos eventos e contextos estudados (Amado, 1995).

Conforme a autora mencionada, torna-se evidente a relevância das fontes orais no processo de reconstrução dos eventos históricos recentes. Ao serem mediadas pela memória, as entrevistas desempenham um papel crucial ao transmitirem e reelaborarem as experiências

individuais e coletivas dos entrevistados, relacionando-as com as práticas sociais de diferentes épocas e grupos. Essa abordagem permite acessar perspectivas íntimas e testemunhos que oferecem uma visão mais abrangente e aprofundada dos acontecimentos passados (Amado, 1995). Amado prossegue comentando:

A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm (Amado, 1995, p. 135).

Sendo assim, a citada autora explica que:

Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias do concreto, do "real", em que, supostamente, residiria sua "verdadeira natureza", que caberia aos historiadores "resgatar" para a posteridade (Amado, 1995, p. 135).

Pelos argumentos expostos, Amado (1995) aborda a dimensão simbólica das entrevistas como uma maneira de rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças. A autora ressalta a importância de não negligenciar essa dimensão simbólica da memória na pesquisa histórica. Amado (1995) argumenta que relegar as relações entre memória, vivência, tempos, indivíduos, grupos sociais e culturas a um plano secundário revela uma postura ingênua ou positivista. Portanto, ignorar essa dimensão significa reduzir a história a uma mera sucessão de eventos isolados e externos, fragmentando-a em unidades estanques.

Para tanto, a estrutura desta dissertação encontra-se organizada a partir desta Introdução, composta da parte inicial, apresentação do tema e objetivos da dissertação. Nesse primeiro capítulo, apresenta-se a área de estudo e o contexto em que a pesquisa se insere. Nas palavras da historiadora Selva Guimarães Fonseca (2012), tanto o entorno local quanto o cotidiano são os reservatórios de memória e desempenham um papel fundamental, pois oferecem ricas oportunidades educacionais e formativas.

Nas práticas de ensino de História, as pesquisas têm nos revelado uma diversidade de maneiras de abordar os temas, de linguagens, fontes e materiais incorporados ao trabalho docente. Nós, professores, não apenas estamos na história, mas fazemos, aprendemos e ensinamos História. A educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja. O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o

cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (Fonseca, 2012, p. 123).

O objetivo deste primeiro capítulo é abordar as definições de história local e regional. Para atingir esse propósito, será realizada uma contextualização do diálogo, fundamentada nas narrativas dos entrevistados na cidade de Lagoa da Confusão. Essa abordagem foi concretizada por meio do método de coleta e preservação da informação histórica. Esse método baseia-se no registro de vivências e acontecimentos vividos, sejam eles testemunhados pelos entrevistados ou pelos próprios entrevistadores.

Segundo Pesavento (1990, p. 43), o ponto inicial crucial reside na própria definição de regionalismo. O arcabouço analítico que confere significado à abordagem regionalista é a teoria de sistemas. O conceito de sistema implica a integração de partes que constituem uma unidade relevante de relações e movimento. Os limites de um sistema, isto é, a quantidade e natureza de suas partes constituintes, dependem, portanto, do tipo de unidade que se busca examinar.

A História é um campo rico de investigação que justifica variados modos de acesso e de compreensão. Como método, o regionalismo configura o objeto da História regional, e assim oferece elementos essenciais para a História comparada. Como enfoque interpretativo o regionalismo aponta para a complexidade de focos de articulação da ação coletiva, nem sempre inteiramente explicável por referência as classes e à estratificação econômica das sociedades modernas (Pesavento, 1990, p. 49).

Assim, a autora sugere que o regionalismo transcende sua função como um mero método de investigação específico para a História regional, destacando-se também como um elemento enriquecedor para a prática da História comparada.

O segundo capítulo aborda os aspectos metodológicos da pesquisa, iniciando com a discussão sobre a utilização da história oral e da memória como método de coleta de dados. Abrange o detalhamento do perfil dos entrevistados e o roteiro de entrevista utilizado. Nesta pesquisa, os depoimentos orais são a principal fonte e objeto de pesquisa, sendo impossível falar de história oral sem levantar reflexões sobre o tema da memória.

A propósito, trata-se de um estudo de caráter qualitativo, em que os participantes são majoritariamente compostos por professores, comerciantes, políticos, agricultores e outros pioneiros locais. Um total de dez participantes foram incluídos, dos quais três consentiram em participar de entrevistas gravadas. Buscou-se recolher discursos que trazem interpretações e relações com o tema da pesquisa, sendo guiada por compromissos éticos.

É relevante destacar que nesse capítulo a história oral é compreendida como método qualitativo de pesquisa e caminho estratégico para desvelar o objeto de pesquisa. Esse enfoque envolve a utilização das fontes da memória local, o que amplia as possibilidades de investigação

e enriquece a abordagem metodológica.

Amado (1995, p. 131) destaca a importância de discernir duas variáveis, ou seja, é fundamental fazer uma distinção clara entre o vivido e o recordado, entre a experiência e a memória, entre o que ocorreu e como é lembrado o que ocorreu. Embora esses conceitos estejam interligados, a vivência e a memória possuem características distintas e, portanto, devem ser definidas, analisadas e abordadas como categorias distintas, cada uma com suas especificidades.

No último capítulo, apresenta-se a discussão sobre a memória local a partir das fontes levantadas com os participantes, sobre viver em Lagoa da Confusão. Esse capítulo priorizou a pesquisa biográfica múltipla, que consiste em reunir depoimentos de diversos indivíduos, visando a uma análise compartilhada. Através da metodologia da HO, é possível resgatar a história de pessoas do cotidiano, compreender as experiências individuais e coletivas e oferecer novas perspectivas sobre os eventos passados, permitindo uma perspectiva mais inclusiva.

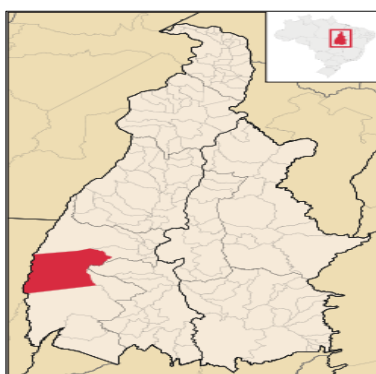
Nesta perspectiva, a temática em análise possui natureza histórico-social. Conforme as considerações de Maurice Halbwachs (1990), a memória afetiva encontra suporte na memória histórica, a qual abrange não apenas os eventos de natureza nacional. Contudo, é relevante salientar que a sustentação da memória não reside na história adquirida, mas sim na história experienciada.

Nas considerações finais, retomo alguns pontos discutidos nos capítulos anteriores para propor uma compreensão sobre os vários aspectos que configuram a história local e a problemática da pesquisa.

1.5 O povoado de Lagoa da Confusão

1.5.1 Apresentação da área de estudo

Figura 1 - Localização de Lagoa da Confusão no Tocantins



Fonte: Wikipédia (2023).

A primeira eleição municipal teve lugar em três de outubro de 1992, após a realização do plebiscito, conforme registrado nos documentos da Câmara Municipal, detalhados na ata de posse dos agentes políticos da 1ª Legislatura, referente ao Quadriênio 1993/1996, cujo 1º prefeito municipal foi Assis Francisco Cheffer. A instalação e posse dos agentes políticos para essa Legislatura ocorreram em primeiro de janeiro de 1993. A Lei Orgânica Municipal foi promulgada em trinta de janeiro de 1994.

Lagoa da Confusão é um município brasileiro do Estado do Tocantins, a 220 km da capital Palmas. É o portal de entrada da maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal, e do Parque Nacional do Araguaia, primeiro parque ambiental a ser criado no Brasil. Possui belezas e ecossistemas incomparáveis envolvendo o ecótono Cerrado, Mata e Pantanal. É banhada pelos rios Urubu, Formoso e Javaé e Araguaia.

A identificação desse local remonta a 1933, quando as famílias proprietárias das Fazendas Santa Rita e Canabrava chegaram à região. Simultaneamente, outras famílias se estabeleceram nas margens do Rio Urubu. Ao explorar essa localidade com o intuito de desenvolver trabalhos de subsistência, essas primeiras famílias vivenciaram a pureza e a autenticidade do ecossistema, deparando-se com a visão de uma extensa natureza intocada, circundada por matas e áreas pantanosas, evidenciando um profundo respeito pela natureza.

Conforme relatos de uma entrevistada, os residentes locais daquela época não concebiam, naquele momento, o real valor das propriedades que possuíam e o quão produtivas poderiam se revelar. A desatenção ao potencial agrícola e a preciosidade do ambiente evidenciam a simplicidade e despreensão inicial, contrastando com o futuro desenvolvimento e importância que essa localidade, agora conhecida como Lagoa da Confusão, viria a adquirir ao longo dos anos.

Considerando as emoções manifestadas nos relatos obtidos durante as entrevistas, torna-se evidente que o povoado de Lagoa da Confusão atravessou períodos desafiadores, notadamente no que concerne aos aspectos de transporte, segurança e meio de comunicação. Essa constatação encontra respaldo na expressão verbalizada pelo entrevistado:

Durante um longo período, o meio de transporte se limitou ao uso de cavalos, já que ninguém possuía carro. Deslocar-se de um lugar para outro era uma tarefa árdua. Quanto à segurança, cada indivíduo cuidava de si mesmo, obedecendo à máxima “cada um por si e Deus por todos” (Participante, 2023).

Nesse relato evidencia-se as condições de vida na região do norte de Goiás, que frequentemente era negligenciada, carecendo de um sistema estruturado de proteção e assistência. Conforme as palavras de Giralдин (2004, p. 402), o crescimento populacional nessa

área foi gradual e lento, registrando um aumento expressivo apenas a partir de meados do século XX. Esse aumento foi impulsionado pela migração em massa de pessoas originárias do Maranhão, Bahia e Minas Gerais para Goiás. Atraídos pelas perspectivas de desenvolvimento na região, a população respondeu às iniciativas de colonização que impulsionaram a Marcha para o Oeste, desbravando novas fronteiras no Norte Goiano³.

A Iniciativa Rumo ao Oeste, concebida durante a era do Estado Novo sob a liderança de Getúlio Vargas, emergiu como um plano estratégico visando estimular o crescimento demográfico e promover a integração econômica nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. Sob a égide desse projeto, foram estabelecidos pequenos núcleos de colonização, embora os resultados obtidos tenham sido considerados apenas modestos. As áreas Norte e Centro-Oeste eram caracterizadas por uma relativa escassez populacional e uma integração limitada com as regiões litorâneas, principalmente o Sudeste e o Sul do Brasil.

Dessa forma, a ideia inicial consistia em impulsionar o crescimento demográfico e econômico dessas localidades. Paralelamente, propunha-se a integração dessas regiões por meio do aprimoramento da malha rodoviária, com ênfase especial em Goiás, considerado estratégico devido à sua posição central no mapa do Brasil.

A partir da década de 1960, observou-se uma mudança significativa no enfoque governamental direcionado ao Norte de Goiás, caracterizada pelo impulso proporcionado através de incentivos relacionados à infraestrutura e pelo financiamento direto ao produtor por meio de programas especiais. Essa dinâmica desencadeou uma transformação substancial no panorama da expansão pioneira e do crescimento da região, conforme abordado no texto intitulado 'A Migração e a Construção de uma Nova Identidade Regional', da historiadora Margareth P. Arbués (Giraldin, 2004).

O desenvolvimento do Estado do Tocantins, conforme destacado no discurso autonomista da historiadora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante (Giraldin, 2004), revela uma carência econômica intrínseca à Região Norte, resultante da ausência dos mesmos privilégios desfrutados pelo Sul do Estado. Tais privilégios seriam cruciais para viabilizar investimentos substanciais em infraestrutura de transporte, sistema judiciário, educação e saúde, elementos essenciais para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico.

³ Marcha para o Oeste foi um projeto desenvolvido por Getúlio Vargas durante a ditadura do Estado Novo com o objetivo de promover o desenvolvimento populacional e a integração econômica das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. O projeto promoveu a criação de pequenos núcleos de colonização, entretanto, teve resultados modestos (Silva, 2024).

No que concerne ao potencial dos recursos naturais, como solo fértil, subsolo rico e a próspera atividade pastoril, o Norte da região apresenta-se como uma área promissora. Contudo, a lacuna mais evidente reside na inexistência de uma gestão governamental atenta e sensível às necessidades específicas dessa localidade, comprometendo assim o pleno aproveitamento de seus recursos e potencialidades.

De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), compreende-se que a ocupação do povoado onde é hoje a cidade de Lagoa da Confusão teve início após a emancipação do Município de Cristalândia, ocorrida em 1953. Esse período coincidiu com a exploração do garimpo Chapada dos Cristais e a descoberta das ricas jazidas de calcário na região (IBGE, 2024). Esse tema é aprofundado na tese da antropóloga Patrícia de Mendonça Rodrigues:

A identificação de depósitos de cristal de rocha propiciou o surgimento de vilarejos na área a leste do Rio Javaés. Após o declínio das atividades de mineração, a população dessas localidades passou a se dedicar predominantemente à agropecuária. A cidade atual de Cristalândia, com aproximadamente 7.000 habitantes, teve sua origem na descoberta de extensas reservas de cristal de rocha por um grupo de garimpeiros em 1939. O povoado resultante, inicialmente denominado Chapada, foi oficialmente nomeado Cristalândia em 1953 e, posteriormente, evoluiu para tornar-se o centro de um município independente, emancipado do extenso e antigo município de Porto Nacional (Rodrigues, 2008, p. 145).

A saga da exploração das ricas jazidas de calcário emerge como um capítulo decisivo para a fixação de numerosos habitantes no município de Cristalândia, influenciando de forma marcante a consolidação do povoado que viria a ser conhecido como Lagoa da Confusão. Esse episódio não apenas moldou o cenário local, mas também desencadeou o processo de urbanização, antecipando-se ao nascimento do Estado do Tocantins.

O processo de ocupação e emancipação de Lagoa da Confusão ocorreu logo após a luta pela criação do Estado do Tocantins, que perdurou até a promulgação da nova Constituição Federal de 1988. Essa epopéia trouxe autonomia para que cada Estado regulamentasse a criação de novos municípios. E a cidade de Lagoa da Confusão faz parte deste ciclo emancipatório ocorrido na década de 1990, período em que se acelerou o processo de municipalização, e o Estado de Tocantins saltou de 79 para 139 municípios. Consoante os dados do IBGE (2022):

O Estado do Tocantins, previsto pela Constituição Federal de 1988, abrange 7% da região Norte do Brasil, ocupando uma extensão territorial de 3,8 milhões de quilômetros quadrados, equivalente a 3,3% do território nacional. Suas fronteiras incluem o Norte, onde faz divisa com os Estados do Maranhão e do Pará; ao sul, limita-se com o Estado de Goiás; a leste, faz divisão com os Estados do Maranhão, Piauí e Bahia; e a oeste, encontra-se com os Estados do Pará e Mato Grosso, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Ainda segundo informações fornecidas pelo mesmo Instituto:

O Estado do Tocantins conta com 139 municípios distribuídos em três regiões: ao norte, Araguaína; no centro, Palmas; e ao sul, Gurupi. Essas regiões, por sua vez, se subdividem em onze regiões imediatas, que incluem Araguaína, Araguatins, Colinas do Tocantins, Dianópolis, Guaraí, Gurupi, Miracema do Tocantins, Palmas, Paraíso do Tocantins, Porto Nacional e Tocantinópolis, de acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Conforme destacado por Nascimento (2013), a instituição de municípios como entidades administrativas segue normativas legais, as quais, por sua vez, refletem conteúdo político-ideológicos, frequentemente representativos do contexto histórico, dos interesses individuais ou grupais, especialmente relacionados à busca pelo poder. No processo de aprovação da emancipação de uma localidade, é imprescindível submeter-se a um procedimento político que se constitui por regras tanto materiais quanto formais.

Dessa forma, a análise destaca a complexidade e a interconexão entre aspectos legais, políticos e ideológicos no processo de aprovação dos municípios como entidades administrativas. Segundo Nascimento (2013), a justificativa para a separação dos municípios está atrelada por três principais fatores. Em primeiro lugar, na ordem política, encontram-se os motivos apresentados por lideranças locais e deputados estaduais na Assembleia Legislativa para fundamentar a emancipação de uma determinada localidade. Em segundo lugar, na ordem econômica, destacam-se as condições existentes e propícias para a criação de um novo município.

A criação desses municípios foi fundamental tanto para a população quanto para a economia do Estado. Isso se deve ao fato de que possibilitou a disponibilidade de recursos federais e atendeu às demandas locais. Nesse contexto, a emancipação de Lagoa da Confusão foi resultado da atividade econômica, vislumbrando uma perspectiva de desenvolvimento para a região. Dessa forma, a criação e emancipação dos municípios não apenas beneficiaram a população local, mas também contribuíram para o crescimento econômico do Estado.

Até o ano de 1990, o Estado do Tocantins contava com poucos municípios. Durante a década de 1990, foram criadas mais outras cidades, totalizando, assim, 139 municípios para os anos 2000 e 2010. A construção do Índice de Desenvolvimento Regional (IDR) abrangeu todos esses municípios.

Por fim, o terceiro fator relaciona-se ao cumprimento dos requisitos legais pela localidade em questão. A política de emancipação do município de Lagoa da Confusão se concretizou após a realização de um plebiscito em 10 de fevereiro de 1991, que foi realizado no desmembramento do território do município de Cristalândia.

Hoje a cidade de Lagoa da Confusão é uma realidade⁴, é um município localizado no Estado do Tocantins em busca de identidade, cujas terras são objeto de cobiça. Em diversos registros online é recorrente o emprego da expressão "espécie de paraíso" para descrever a localidade, um adjetivo que alude à sua exuberante natureza, fauna nativa, avifauna e rios. Os residentes locais são comumente denominados lagoenses, e há indivíduos que aspiram ao título de honra ao mérito de serem reconhecidos como cidadãos lagoenses.

O povoado de Lagoa da Confusão foi elevado à categoria de Município pela Lei Estadual Nº 251, de 20/02/1991, e teve seus limites alterados, posteriormente, pela Lei Estadual Nº 498, de 21/12/1992, desmembrado do Município de Cristalândia. (IBGE, 2013). O Município de Lagoa da Confusão possui uma área de 10.602,5 Km², localiza-se na Mesorregião Ocidental do Estado do Tocantins, e está distante 157,3 Km da cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins (Cerqueira, 2013, p. 14).

A distância em linha reta até a capital, Palmas, é de 157,89 km, enquanto a distância de condução é de 199 km. De acordo com os estudos de Santos (2020), a Lagoa da Confusão é um município de porte médio com a extensão territorial de 10.564,683 km² e registrava uma população de 10.215 habitantes no censo de 2010, uma variação de 65,61% em relação ao ano de 2000, com uma população de 6.168 habitantes.

Atualmente, de acordo com os dados fornecidos pelo IBGE, o município de Lagoa da Confusão, localizado no Estado do Tocantins, evidenciou um notório incremento em seu contingente populacional, atingindo uma cifra de 15.288 residentes no Censo Demográfico de 2022. Tais estatísticas apontam para um incremento de 49,74% em comparação com os resultados obtidos no Censo de 2010.

Segundo os últimos dados do IBGE, a densidade populacional no território municipal é de aproximadamente 1,45 habitantes por km². Situada a uma altitude de 186 metros, Lagoa da Confusão possui as seguintes coordenadas geográficas: Latitude 10° 47' 22" Sul e Longitude 49° 37' 50" Oeste. Além disso, a cidade abriga o Parque Nacional do Araguaia em seu território. Segundo a Lei n.º 972/1998, do dia 14 de abril, é concedida ao Poder Executivo a autorização para a criação de 18 regiões administrativas, com o objetivo de adequar o planejamento e a execução das ações governamentais aos interesses comuns dos municípios envolvidos.

Em consonância com tal critério, a Secretaria de Planejamento optou pela divisão administrativa do Estado em 18 regiões. Cada uma dessas regiões possui uma cidade-sede, geralmente as mais desenvolvidas economicamente e populacionalmente. No caso específico da região XI, onde se encontra situada Lagoa da Confusão, a cidade-sede é Paraíso do Tocantins.

⁴ Refere-se ao processo de desenvolvimento e consolidação da cidade ao longo do tempo.

Figura 2 - Pedra no interior da lagoa



Fonte: acervo da pesquisadora (2023).

Ao mencionar Lagoa da Confusão, é inevitável associá-la à imagem da lagoa localizada em seu interior, com aproximadamente 4,5 km de circunferência e uma profundidade média de quatro metros. Além disso, destaca-se a presença de uma pedra solitária em suas proximidades. Essa exuberante lagoa serviu como fonte de inspiração para o nome da cidade.

A lagoa em questão é preservada em grande parte, possuindo suas próprias nascentes e recebendo águas provenientes do transbordamento dos ribeirões Trapiche e Rio Urubu. Vale ressaltar que uma parcela significativa de sua área circundante ainda é coberta por mata ciliar, conferindo-lhe um ambiente naturalmente preservado.

De acordo com os estudos de Nascimento (2013), esse movimento que se pode intitular de “surto” emancipatório instigou a busca de respostas para algumas inquietações relativas à criação de tantos municípios em tão pouco tempo, num período em que o Estado estava em fase de estruturação, recém criado, considerado o mais jovem e um dos mais pobres em rendimentos per capita da federação.

Localizado na porção centro-oeste do Estado do Tocantins, o município de Lagoa da Confusão destaca-se por sua juventude, sendo uma cidade de relevância cultural para sua comunidade. Além disso, é reconhecida como um ponto turístico significativo e como portal de entrada para a Ilha do Bananal e o Parque Nacional do Araguaia.

A cidade de Lagoa da Confusão é reconhecida como um acesso privilegiado às aldeias de Boto Velho (Javaé) e Macaúba (Karajá), sendo frequente a presença de estudantes indígenas dessas comunidades nas escolas locais. Ao ser indagado na entrevista sobre a importância da terra para preservação da cultura e tradição dos povos indígenas em Lagoa da Confusão, o líder indígena Javaés enfaticamente argumentou:

Na nossa essência indígena, como líder dos Javaés, tenho plena consciência da importância vital que a terra possui para o nosso povo. Ela não é apenas um espaço físico, é nossa fonte de vida. É onde encontramos nossa subsistência na caça, na pesca e na preservação dos nossos rituais ancestrais. Sem essa ligação com a terra, nossa existência se desfaz, perdemos nossa identidade e nossa razão de ser. É por isso que defender nossa terra é proteger não apenas um território, mas a própria alma do povo indígena (Entrevista cedida por P.C. Javaés, 2024).

O entrevistado destaca que a terra proporciona a subsistência por meio da caça, da pesca e da preservação dos rituais ancestrais. Além disso, o entrevistado ressalta que a ligação com a terra é fundamental para a existência e identidade do povo indígena. Sem essa conexão, a comunidade perde sua razão de ser e sua identidade cultural. Portanto, defender a terra é proteger não apenas um território, mas também a alma do povo indígena, sua essência e modo de vida.

Figura 3 - Maquete realizada por estudantes indígenas da aldeia Horotory



Fonte: Registro da pesquisadora, 2024.

Adiante, o supracitado líder indígena Javaés expressou sua preocupação em relação à salvaguarda e preservação da natureza:

No que diz respeito à proteção de nossas terras, infelizmente, temos enfrentado graves violações. O controle sobre nossas terras tem sido desafiador de se manter. Compreendemos as limitações dos órgãos responsáveis e das gestões públicas, reconhecendo que o Estado brasileiro, por vezes, deixa a desejar em certos aspectos, muitas vezes devido às restrições orçamentárias. No que concerne às medidas de proteção, como a atuação da FUNAI e do CMPI, sua obrigação é assegurar a proteção das áreas, como é o caso da nossa região, que possui uma dupla afetação, pois trata-se de uma área indígena e ao mesmo tempo é uma área de preservação ambiental (Entrevista cedida por um líder indígena, 2024).

O argumento apresentado pelo líder indígena aborda a questão da proteção das terras indígenas em meio às dificuldades enfrentadas. Ele expressa preocupação com as violações que têm ocorrido e destaca os desafios inerentes ao controle efetivo dessas terras.

De acordo com Martins (2000), no atual contexto brasileiro, o sistema de posse de terras estabelecido pela Lei de Terras de 1850, salvo algumas exceções, unificou os direitos de

domínio e posse, formando assim o moderno regime de propriedade. Atualmente, a propriedade da terra e a renda proveniente dela determinam os padrões e as formas de ocupação do país, bem como a expansão de suas fronteiras econômicas e demográficas internas. Isso influencia a mentalidade que sustenta a ideia de aquisição de território, a exploração dos povos indígenas e dos ocupantes de terras, além de instituir a propriedade privada da terra e uma concepção do âmbito privado relacionada a ela.

A criação da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) se deu através da Lei n.º 5.371/1967, é um órgão coordenador da política indigenista, responsável pelas iniciativas específicas em diferentes setores, abordando questões que vão desde educação e cultura até benefícios sociais, territórios e saúde, entre outros.

Figura 4 - Portal de entrada da cidade



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Entre um discurso e outro, a questão acerca da origem do nome Lagoa da Confusão por vezes aguça o imaginário das pessoas e desperta curiosidade. É nesse contexto que os estudos realizados por Coelho (2006) sobre esse lugar ganham importância.

O povoamento recebeu este nome, segundo a história mais comumente aceita pelos moradores, porque o acesso à região era muito difícil e, assim, as confusões ocorridas durante as tentativas de chegar à lagoa teriam dado o nome ao local. Outra versão atribui o nome ao fato de a lagoa ter uma pedra, que dependendo da incidência dos raios solares, pode ser confundida com a vegetação ao fundo, e não estar visível a partir das margens (Plano Diretor do município da Lagoa da Confusão *apud* Coelho, 2006, p. 4).

Alinhado com as reflexões de Bosi (1994, p. 418), um fato como esse tem explicação, pois “cada geração carrega consigo uma memória de acontecimentos que se tornam marcantes em sua história na cidade natal. As lembranças fluem ao longo do mesmo curso, e a cidade de Lagoa da Confusão preserva episódios destacados, muitas vezes revisitados nas narrativas compartilhadas por seus residentes”.

Dessa maneira, o portal de entrada da cidade, remete à influência dos povos indígenas da Ilha do Bananal.

[...] os Karajá eram (e ainda são) considerados como um dos povos estrangeiros (ixyju) que adotaram a língua e as práticas similares aos Javaé atuais depois do convívio em Marani Hāwa, tendo contribuído com bens materiais diferentes e criações próprias, como o ritual Marakasi. Desde esse processo de “assemelhamento” cultural e linguístico, o mito enfatiza apenas os casamentos e trocas culturais e materiais com os Karajá, o que parece ser consistente com a prática histórica (Rodrigues, 2008, p. 217).

Nesse sentido, as práticas cotidianas desses povos indígenas continuam intrinsecamente ligados ao ciclo climático em suas atividades agrícolas. Essa interdependência é fundamental para a manutenção da harmonia com o ambiente e a sustentabilidade de suas comunidades.

Os Javaé, em especial, e os Karajá ainda cultivam suas “roças de toco”, utilizando a técnica da coivara, o que implica em preparar o terreno antes das chuvas, derrubando e queimando uma pequena área de mata, e na rotatividade anual de roças nas áreas secas ao redor de uma aldeia. Em termos gerais, o tempo de plantar é no início das chuvas, no começo do inverno, e o tempo de colher é a partir do início do verão, quando não chove mais, embora alguns produtos possam ser colhidos o ano inteiro, como a mandioca, e outros durante a estação chuvosa (Rodrigues, 2008, p. 225).

Ademais, considerando o entendimento adquirido mediante o contexto singular dos entrevistados, um dos participantes, figura pioneira na região, ao ser questionado sobre sua vivência em Lagoa da Confusão, expressou-se poeticamente, como se desejasse imortalizar seus sentimentos pelo local para as futuras gerações.

*Sou um contador de histórias,
Agradeço sorridente pelo convite,
Expresso a imensa satisfação de residir
Nesta terra outrora pouco habitada.
Repleta de mistérios e encantos,
A cidade conquista os visitantes,
Inspirando versos e piadas que alegram a criançada.
Hoje, sentindo-se envelhecido e cansado,
Guardo a felicidade e a satisfação
De compartilhar a história de Lagoa da Confusão.
Agradece a Deus, pois confirma
A importância da vida e celebra
O crescimento da cidade ao longo dos anos.
(Entrevistado n.º 7, Lagoa da Confusão).*

2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 Metodologia

O desenvolvimento metodológico desta pesquisa teve início nas primeiras incursões entre livros e textos, destacando-se a ênfase inicial na pesquisa bibliográfica, alicerçando assim as bases deste trabalho. Dentre as obras fundamentais que orientaram a pesquisa, destacam-se: "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos" de Eclea Bosi (1994), "Memória Coletiva" de Maurice Halbwachs (1990), "História e Memória" de Jacques Le Goff (1990) e "A (Trans)Formação Histórica do Tocantins" organizado por Odair Giraldin (2002).

A construção desse percurso considerou, sobretudo, as aprendizagens adquiridas nas leituras orientadas, as quais esclareceram os caminhos e proporcionaram direcionamentos para as escolhas e possibilidades adotadas nesta pesquisa.

Este trabalho assume uma abordagem qualitativa, envolvendo homens e mulheres da comunidade com mais de 50 anos, os quais voluntariamente se dispuseram a compartilhar suas lembranças. A proposta foi coletar discursos que proporcionassem interpretações e estabelecessem conexões relevantes ao tema em estudo. Vale destacar que os informantes abrangem uma variedade de ocupações, sendo predominantemente professores aposentados, além de comerciantes, empresários, agricultores, idosos, políticos e indígenas.

Abordando os aspectos metodológicos, de acordo com Minayo (2001), uma pesquisa qualitativa se dedica ao âmbito dos significados, motivações, aspirações, conceitos, valores e atitudes, explorando as camadas mais profundas das relações, processos e características que resistem à simplificação por meio da operacionalização de variáveis. Nesse contexto, se a memória funciona como um meio pelo qual os sujeitos se revelam a si mesmos e compreendem o mundo ao seu redor, evidenciando a importância da experiência na formação intelectual, social e cultural, torna-se, portanto, o foco central desta pesquisa. As reflexões sobre a memória serão apresentadas e analisadas, configurando o produto educacional resultante desta dissertação.

Seguindo esse caminho, a pesquisa abordou a metodologia da história oral em suas trilhas e será guiada por compromissos éticos por meio dos seguintes procedimentos: elaboração do projeto; coleta das entrevistas como estratégia para recolher os depoimentos; organização do banco de dados; análise; arquivamento; e devolução.

Dessa forma, o processo de arquivamento consistirá no armazenamento seguro e acessível dos dados da pesquisa, contemplando a preservação das entrevistas, transcrições,

documentos consentidos e outros materiais correlatos ao estudo. Essa etapa considerará primordialmente a confidencialidade e a preservação a longo prazo desses elementos. Quanto aos resultados da pesquisa, serão divulgados de forma anônima, preservando o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados foram coletados e estudados.

Como resultado final da pesquisa, foi elaborado um Curso de Extensão destinado aos estudantes do Ensino Médio e Ensino Superior. Além disso, realizou-se a produção de um vídeo que abordará as transformações urbanas ocorridas em Lagoa da Confusão no período de 1975 a 1991. O objetivo desse enfoque é transmitir, de forma acessível e educativa, as conclusões e conhecimentos obtidos durante o trabalho de pesquisa, contribuindo para a disseminação do entendimento sobre as mudanças urbanas ocorridas na localidade, conforme relatado no documento em anexo.

O propósito do Curso de Extensão é inicialmente introduzir os participantes à história e ao contexto de Lagoa da Confusão e, em seguida, explorar as transformações urbanas ao longo do tempo, valendo-se das memórias compartilhadas pelos moradores. Adicionalmente, busca-se fomentar a compreensão dos impactos e das mudanças ocorridas na cidade. Além disso, propõem-se outras alternativas para a aplicação do Curso de Extensão na promoção da formação continuada de professores da educação básica. Tais sugestões incluem a apresentação dos resultados da pesquisa em seminários e congressos, bem como o uso do conteúdo como material complementar para os estudantes. Quanto à duração do curso, sugere-se a divisão da carga horária seguidas de tempo para debate conforme documento em anexo.

Durante o evento, serão realizados três momentos distintos para abordar as transformações urbanas do município de Lagoa da Confusão ao longo do tempo. No primeiro momento, será apresentado o vídeo 1, intitulado "*A Importância da Vocação do Turismo em Lagoa da Confusão*", seguido de uma discussão sobre a relevância das memórias dos moradores na compreensão dessas mudanças.

Em seguida, no segundo momento, será exibido o vídeo 2, intitulado "*A Importância do Agronegócio em Lagoa da Confusão*". Após a exibição, será promovida uma discussão sobre o papel do agronegócio no processo de transformação da cidade. Além disso, serão abordados temas relacionados ao desenvolvimento sustentável e aos desafios futuros para Lagoa da Confusão, incluindo uma análise comparativa entre fotos antigas da cidade e sua situação atual.

No terceiro momento, será apresentado o vídeo 3, intitulado "*História Oral de Vida*", que tratará das transformações urbanas de Lagoa da Confusão a partir das memórias dos moradores locais. Após a exibição, será realizada uma reflexão sobre o impacto dessas mudanças nas comunidades locais, seguida de sugestões e propostas para preservar o

patrimônio cultural enquanto se planeja o futuro da cidade.

Os resultados esperados deste projeto abrangem diversas áreas de impacto educacional e social. Em primeiro lugar, pretende-se disponibilizar uma proposta pedagógica complementar que visa estimular a conscientização historiográfica dos estudantes da educação básica. Essa proposta, preferencialmente no componente curricular de História, busca enriquecer o aprendizado dos alunos ao contextualizar os eventos históricos e as transformações sociais de Lagoa da Confusão.

Ademais, almeja-se subsidiar o trabalho dos professores acerca da História Local. Além disso, outro resultado esperado é a promoção de discussões sobre as análises e propostas para o futuro de Lagoa da Confusão. Essas discussões não apenas proporcionarão uma reflexão crítica sobre as transformações urbanas ocorridas na cidade, mas também visam envolver a comunidade local e os gestores públicos no planejamento e na implementação de políticas e ações que promovam o desenvolvimento sustentável e a preservação do patrimônio cultural da região.

De acordo com Meihy (2005), a HO representa uma abordagem inclusiva e plausível, distante do exclusivismo acadêmico, fundamentada na participação de indivíduos dedicados a analisar a vida social de maneira pública e através de métodos não convencionais. Ao não se restringir apenas ao ambiente acadêmico, a história oral se destina à promoção da democracia e do conhecimento.

Nesse sentido, é válido reconhecer que a HO transcende a mera prática de estudo e interpretação de documentos deixados por pessoas de épocas passadas, geralmente guardados em locais de acesso restrito a pesquisadores profissionais. A história oral, pelo contrário, possui um apelo público significativo, buscando disseminação e reconhecimento ampliado (Meihy 2005).

Diante do exposto, a coleta de dados se efetivou através da revisita ao campo da memória e, de maneira complementar, por meio de entrevistas gravadas individualmente. Na condução dessas entrevistas, optou-se por uma abordagem narrativa que conferiu aos participantes a liberdade de relatar suas histórias de forma fluída e pessoal. O foco concentrou-se na exploração das vivências pessoais, visando compreender não apenas os fatos, mas também as emoções e perspectivas individuais. A flexibilidade no roteiro das entrevistas foi um elemento crucial, permitindo adaptações conforme as respostas dos participantes e promovendo um diálogo mais orgânico. Adicionalmente, foram inseridos questionamentos com o intuito de contextualizar as lembranças dos participantes dentro do cenário histórico, enriquecendo a compreensão do contexto em que essas memórias se desenvolveram.

No âmbito dessas interações, dei atenção especial ao caráter dialógico, conforme preconizado pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), ao refletir sobre as implicações e limitações das entrevistas. Contudo, quando se analisa as fases iniciais do trabalho de campo, percebe-se que observar e escutar são considerados os processos cognitivos mais fundamentais. Os antropólogos, ao se referirem a esse trabalho, frequentemente utilizam o termo em inglês "fieldwork". Entretanto, é indubitável que é no ato de redigir, ou seja, na elaboração final do resultado desse trabalho, que a questão do conhecimento se torna ainda mais crucial (Oliveira, 1996).

Neste estudo, as nuances da memória foram apresentadas e evidenciadas como elementos constitutivos do produto educacional resultante desta dissertação. No contexto deste estudo, a concepção de memória como trabalho, conforme descrito por Bosi (1994), orientou esta abordagem considerando-a como um processo de rememoração que requer do pesquisador a recuperação do passado a partir do que foi vivido até o momento presente. Assim, o fundamento principal da abordagem reside na edificação de vínculos de amizade e confiança com os recordadores. Isso implica que ao estabelecer relações próximas e confiáveis com os participantes da pesquisa, criei um ambiente propício para que as memórias fossem compartilhadas de forma mais aberta e autêntica.

Todos os entrevistados foram informados de que a entrevista seria gravada para posterior transcrição, assegurando que fossem identificados apenas por um número, garantindo, dessa forma, a confidencialidade integral dos dados fornecidos. Após obter a permissão dos participantes, deu-se início à entrevista e à coleta de dados. Para facilitar a obtenção de informações sobre esses informantes, utilizou-se uma Ficha de Identificação elaborada e preenchida antes do início das entrevistas.

Na primeira seção da ficha, identificou-se o informante por meio de informações pessoais, incluindo nome, idade, estado civil, naturalidade, profissão, ocupação e grau de instrução. Por outro lado, a segunda parte teve como objetivo a obtenção de informações como e-mail, endereço e contato de celular do participante para possíveis contatos futuros. Entretanto, ficou acordado com os informantes que tanto as informações relativas aos dados pessoais quanto as informações de contato deveriam ser mantidas em absoluto sigilo.

Diante da natureza voluntária da participação na pesquisa, os informantes concordaram, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em disponibilizar suas contribuições para este estudo. Vale ressaltar que todas as etapas da pesquisa foram conduzidas de acordo com as diretrizes condicionais do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

da Universidade Federal do Tocantins (CEP/UFT). Ademais, é relevante destacar que nenhum participante manifestou discordância em relação aos procedimentos adotados.

Para otimizar o processo, utilizou-se o software de transcrição Audext⁵, onde os áudios podem ser facilmente convertidos em texto, e depois o texto pode ser utilizado para a análise.

Adicionalmente, a pesquisa bibliográfica desempenhou um papel essencial na construção deste estudo, utilizando obras como "*Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*" de Eclea Bosi, "*Memória Coletiva*" de Maurice Halbwachs, "*História e Memória*" de Jacques Le Goff, "*A (Trans) Formação Histórica do Tocantins*" organizado por Odair Giraldin e, "*Manual de História oral*" de José Carlos Sebe B. Meihy, e ao buscar embasamento teórico em dissertações e teses disponíveis em plataformas como Capes, Scielo e Google Acadêmico. Além disso, a investigação se estende a artigos científicos, como "*História Oral: memória, tempo, identidades*", de Lucília Delgado, publicados nos últimos anos, assim como aos autores citados posteriormente no referencial teórico, que oferecem uma base conceitual para o tema abordado nesta pesquisa.

O caderno de campo, bem como a pesquisa bibliográfica, somados aos questionários foram importantes métodos para composição da pesquisa dentro da comunidade campo. Conforme Meihy (2005) destaca, o caderno de campo desempenha um papel essencial para permitir um diálogo contínuo e frequente com o projeto inicial. Ele se torna uma referência indispensável nas fases finais da pesquisa, sendo validada como um instrumento de registro que documenta a trajetória da evolução do trabalho, variando conforme o delineamento inicial do projeto (Meihy, 2005).

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p. 32).

De acordo com a tese de Bruni (2007, p. 98):

A história oral constitui uma metodologia de pesquisa e de elaboração de fontes para o estudo da história contemporânea, é possível caracterizá-la como estratégica para uma aproximação com as percepções e reflexões de atores envolvidos direta ou indiretamente em algum fato histórico.

⁵ O Audext é um site online gratuito que ajuda você a economizar imenso tempo ao transcrever áudio para texto, é amplamente utilizado por profissionais de diversos setores, como educação, marketing, mídia, consultoria e saúde, para otimizar suas atividades laborais. Suas principais características incluem uma ferramenta integrada que permite a edição do texto durante o processo de transcrição, facilitando a manipulação do conteúdo. Além disso, destaca-se por sua capacidade de identificação fácil do narrador, proporcionando uma organização mais eficiente das informações. Uma funcionalidade adicional é a opção de carregar e exportar arquivos de maneira fácil e eficaz, contribuindo para uma experiência prática e eficiente para os usuários. Disponível em: <https://audext.com/pt-br/transcricao-de-audio/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

O foco desta pesquisa recaiu sobre temas cruciais, abrangendo as narrativas de vida, as visões locais acerca do turismo e a forma como sua influência despertou o interesse pela região, resultando em novas perspectivas, especialmente para os migrantes. Dentre essas perspectivas, destaca-se uma atenção direcionada ao setor agroindustrial.

A região em análise apresenta características naturais peculiares, dentre as quais destaca-se uma lagoa que esteve localizada numa área pantanosa e de difícil acesso. A singularidade dessa paisagem é acentuada pela presença de uma rocha fascinante que, aparentemente flutuante, modifica sua posição em resposta à perspectiva do observador. Esse fenômeno geológico peculiar, ao ser abordado sob uma perspectiva científica, suscita indagações sobre os processos físicos e naturais subjacentes que fundamentam a dinâmica dessa formação rochosa.

2.2 Perfil dos entrevistados

A escolha se deve ao fato de que esses indivíduos são considerados informantes-chave para a pesquisa de campo, uma vez que possuem vivência na comunidade. Além disso, é importante ressaltar que eles detêm amplo conhecimento sobre a história e memória local. Através de suas narrativas, buscou-se obter um panorama abrangente, minucioso e esclarecedor sobre a temática em estudo.

O primeiro passo para a realização da pesquisa foi o de definir qual seria o perfil dos entrevistados. Estabelecemos alguns critérios para o recrutamento, e determinamos que os entrevistados seriam compostos por homens e mulheres maiores de 18 anos, residentes no Estado do Tocantins, de moradores locais. Os mesmos teriam que residir há mais de 20 anos no Tocantins e ter participado das transformações urbanas no município de Lagoa da Confusão. Essa pesquisa desenvolveu-se com a participação de dez colaboradores, três do sexo masculino e sete do sexo feminino. A escolha dos participantes se deu por meio da influência e vivência no meio pedagógico e por se tratar de pessoas que fazem parte da ancestralidade local e que fizeram parte do contexto histórico da cidade.

Em relação a origem, os entrevistados são naturais dos municípios de Lagoa da Confusão - TO, Ilha do Bananal, e imigrantes do Estado do Rio Grande do Sul, Goiás, Minas Gerais e Maranhão, sendo 11 moradores locais e duas lideranças indígenas. Em relação à faixa etária dos entrevistados, devido aos pré-requisitos todos moram há mais de 20 anos no Estado do Tocantins, com faixa etária entre 40 e 60 anos de idade. Com relação ao nível de escolaridade, verificou-se que os depoentes têm entre nível fundamental e médio e superior.

Quadro 1 - Características dos participantes da pesquisa

Nº	Entrevistado	Profissão	Idade
01	Participantes	Professores	55 a 65
02	Participante	Líder indígena Krahô Kanela	45
03	Participante	Líder indígena Javaés	60
04	Participantes	Agricultores	50 a 65
05	Participante	Comerciantes	50 a 60
06	Participantes	Funcionário público	60
07	Participantes	Pioneiros/idosos	60 a 70

Fonte: Pesquisadora (2023).

Nessa investigação, assegurou-se a confidencialidade e o sigilo das informações, restringindo o acesso exclusivamente aos participantes. A divulgação dos resultados ocorrerá de maneira genérica, impossibilitando a identificação individual dos participantes. Os dados serão apresentados de forma global. Durante as entrevistas, mesmo após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes tiveram a liberdade de desistir da pesquisa, sendo garantido o direito de não responder a qualquer pergunta sem enfrentar constrangimento ou questionamento. Ressalta-se que a pesquisa esteve em conformidade com os princípios estabelecidos pela Resolução n.º 304, de 9 de agosto de 2000, e pela Resolução n.º 340, de 8 de julho de 2004.

Na elaboração deste trabalho, as entrevistas foram organizadas em dois momentos distintos: recordações do período anterior à emancipação; e recordações do período posterior à emancipação. Essa abordagem proporcionou uma contextualização mais clara das experiências vivenciadas pela comunidade em diferentes períodos temporais, permitindo uma visão comparativa das transformações urbanas ocorridas antes e depois desse evento histórico. Dessa forma, buscou-se compreender como a emancipação impactou a vida dos habitantes da região e como essas memórias coletivas contribuíram para a compreensão da identidade e evolução histórica da cidade.

Nessa perspectiva, esta pesquisa apoiou-se ao conceito de memória, conforme delineado pelas reflexões de Halbwachs (1990) e Bosi (1994), a fim de fundamentar e iluminar o arcabouço teórico que sustenta a abordagem de história oral, com enfoque nas fontes orais.

O objetivo deste capítulo é examinar a relação entre memória e história para compreender as transformações urbanas que ocorreram em Lagoa da Confusão, a partir do marco temporal. E sobre essa relação, Barros (2009) analisa que na última década tem sido particularmente enfatizada a diversidade de riquezas que pode ser trazida pelo entrelaçamento entre as duas instâncias. José D'Assunção Barros ainda reflete sobre algumas questões fundamentais que merecem ser colocadas para uma maior compreensão acerca da memória social e de suas formas de interação com a história. O referenciado autor entende que devemos

pensar na memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isso assegura a permanência de grupos (Barros, 2009).

Ainda de acordo com os estudos de Barros (2009), a relação entre memória e história é uma relação ambígua e complexa, porém, mutuamente enriquecedora para cada um dos dois pólos, memória e história. Na construção do saber histórico, Barros defende que é oportuno atentar para o fato de que a memória e história são coisas distintas e geram espaços de saber diferenciados, tal como já propunham autores, como Maurice Halbwachs, em meados do século XX.

De acordo com Barros (2009, p. 60):

a memória é um aspecto a ser problematizado e atravessado por questionamentos e não como mera instância capaz de fornecer informações sobre este ou aquele processo, surgiam as condições e possibilidades para uma nova e importante modalidade da História: a História Oral.

Barros (2009) atenta para o fato de que se memória e a história são coisas distintas e geram espaços de saber diferenciados, chama a atenção para os benefícios da busca de uma política da justa memória, o que inclui as possibilidades de uma memória esclarecida pela historiografia e a de uma historiografia profissional passível de reanimar uma memória declinante.

As cidades são testemunhas das transformações ao longo do tempo e servem como locais onde as histórias pessoais se entrelaçam com a história coletiva. Neste sentido, Nora (1993) romanticamente explica que a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a esse momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação.

No que diz respeito à memória e à história, longe de serem sinônimos, percebemos que há uma clara distinção entre ambos:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado [...]. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une [...]. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no

objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1993, p. 9).

Conforme Pierre Nora, renomado historiador francês pertencente à terceira geração da Escola dos Annales, podemos discernir que a memória é um aspecto eternamente presente, um vínculo vívido no momento contínuo atual, o que implica a importância de preservar aquilo que merece ser registrado. Por outro lado, a história assume o papel de representação do passado, com a finalidade de resgatar lembranças e superar o esquecimento.

Tomando como referência os estudos de Eclea Bosi, analisa-se que é preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros.

Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto de entrada exato em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente (Bosi, 1994, p. 407).

Conforme observado por Le Goff (1990) em sua reflexão sobre a relação entre história e memória, ele aponta para a existência de pelo menos duas narrativas distintas. Em primeiro lugar, destaca a história da memória coletiva, caracterizada como essencialmente mítica, distorcida e anacrônica. Essa narrativa representa a vivência dessa relação contínua entre o presente e o passado, uma relação que nunca se encerra completamente.

No entanto, o autor enfatiza a importância da correção dessa narrativa tradicional deturpada por meio da informação histórica fornecida por historiadores profissionais. Essa informação, idealmente disseminada pela educação formal e pelos meios de comunicação de massa, desempenha um papel crucial ao esclarecer a memória e ajudá-la a corrigir seus equívocos.

De acordo com os estudos do historiador e cientista político Enzo Traverso (2012), a história e a memória têm origem na mesma inquietação e estão relacionadas ao mesmo foco: a construção do passado. A memória é uma construção, sempre filtrada por conhecimentos adquiridos posteriormente, pela reflexão que se segue ao acontecimento, por experiências que se sobrepõem à primeira e modificam a recordação.

Dito isso, por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Desse quadro vivo e natural foi possível coletar as memórias de pessoas da comunidade com idade mínima de 50 anos⁶, que se propuseram a rememorar o passado.

⁶ Veja a relação dos participantes no Apêndice A.

Conforme expressado por Pollak (1992), a memória parece ser algo de natureza pessoal e íntima. No entanto, nos anos 1920-1930, Maurice Halbwachs já destacava a importância de compreender a memória como um coletivo e social, ou seja, como algo construído de forma conjunta e sujeito a variações, evoluções e mudanças constantes.

Nesse contexto, é pertinente questionar quais são os elementos essenciais que são específicos da memória, seja ela individual ou coletiva.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (Pollak, 1992, p. 2).

Conforme o mencionado autor, essa dinâmica demonstra como a memória coletiva pode se entrelaçar com a memória pessoal e influenciar a forma como as pessoas se relacionam com o passado e sua identidade cultural. A compreensão desses diferentes tipos de memória nos leva a questionar a natureza intrínseca desse efeito e suas implicações significativas em diversos campos do conhecimento. A interação entre a memória pessoal, a memória coletiva "vivida por procuração" e a memória quase herdada, mediada pela socialização política ou histórica, revela a complexidade da construção da identidade e da narrativa cultural. Além disso, é importante ressaltar que 'a memória é constituída por pessoas, personagens' (Pollak, 1992).

Em resumo, Halbwachs (1990) explica que dos grupos de testemunhas e dos fatos por eles narrados recriam-se correntes de pensamento coletivo. Isso porque a condição necessária para que haja memória é que o sujeito que se lembra tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, e, desta forma, estabelece-se uma ponte entre o passado e presente.

Num primeiro momento, a memória autobiográfica e a memória histórica podem parecer conceitos opostos ou conflitantes, mas na realidade estão interconectados e desempenham papéis complementares na construção e preservação da nossa compreensão do passado. Ainda não estamos acostumados a discutir a memória de um coletivo, nem mesmo de maneira figurativa. Parece que essa capacidade de lembrar não pode existir e persistir a menos que esteja vinculada a um corpo ou cérebro individual (Halbwachs, 1990).

Eclea Bosi (1994) amplia essa perspectiva ao argumentar que as memórias individuais

são moldadas e reinterpretadas quando se tornam parte da memória coletiva, sendo filtradas pela perspectiva e interpretação do grupo ou sociedade em que estão inseridas. Dessa forma, a memória individual e a memória coletiva não são isoladas, mas sim complementares, representando diferentes aspectos da complexa tapeçaria da memória e da ressurreição do passado (Bosi, 1994).

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. Conforme destacado por Bosi (1994, p. 90), a memória é a faculdade épica por excelência. Quando nos aprofundamos na discussão sobre a memória individual, devemos considerar o seu caráter dinâmico, que é permeado pelas experiências compartilhadas, influências culturais e interações sociais. A memória de uma pessoa é constantemente moldada e transformada pelos contextos sociais e emocionais em que está inserida, resultando em um processo dinâmico e contínuo de lembranças e interpretações. Nesse sentido, é fundamental compreender que as memórias individuais estão interconectadas com o mundo ao seu redor, não sendo estáticas, mas sim flexíveis e suscetíveis a mudanças ao longo do tempo e das experiências vividas. De acordo com Halbwachs (1990, p. 54), “quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir”.

Dessa forma, a memória coletiva é construída através da contribuição das lembranças individuais de várias pessoas, formando uma representação mais completa e precisa do passado compartilhado pelo grupo.

No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não somente porque as instituições foram modificadas, mas porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo em tal ou qual família; e em certos homens que delas conheceram pessoalmente as testemunhas (Halbwachs, 1990, p. 54).

Portanto, esse autor argumenta sobre a importância da memória coletiva e a interdependência das memórias individuais e coletivas na construção da compreensão do passado. A memória dos outros serve como uma fonte crucial para a recuperação de eventos e narrativas que ultrapassam a memória individual de um único indivíduo.

Se entendermos que conhecemos nossa memória pessoal somente do interior e a memória coletiva do exterior, haverá com efeito entre uma e outra um vivo contraste. Por certo, se a memória coletiva não tivesse outra matéria que não fossem datas ou listas de fatos históricos, ela não desempenharia senão um papel secundário na fixação de nossas lembranças (Halbwachs, 1990). É importante destacar que a memória coletiva desempenha um papel mais significativo na formação de nossas lembranças.

É nessa situação altamente polêmica, que opõe a uma tradição antiga de reflexividade a uma tradição mais recente de objetividade, que memória individual e memória coletiva são postas em posição de rivalidade. Contudo, elas não se opõem no mesmo plano, mas em universos de discursos que se tornaram alheios um ao outro (Ricoeur, 2007).

Não obstante suas diferenças aparentes e a rivalidade discutida por Ricoeur, a memória coletiva, como destacada por Halbwachs, exerce uma influência significativa sobre a memória individual.

3 NARRATIVAS DE VIDA

3.1 Experiências pessoais e memórias compartilhadas

História de vida porque se pretende contemplar a narrativa do percurso pessoal das pessoas envolvidas na reordenação da própria identidade nacional (Meihy, 2005). Dessa forma, serão aqui comprovadas algumas narrativas de vida que integram as transformações urbanas, resultantes das alterações nos meios de produção, as quais impactaram sobretudo a estrutura agrária da região.

[...] nasci na região onde hoje é o município de Lagoa da Confusão, na década de 60, na Fazenda Patizal, e com menos de um ano de idade minha família e eu fomos morar na Ilha do Bananal, mas me recordo quando passava por aqui onde hoje é a cidade de Lagoa da Confusão, eu já tinha dez anos de idade. Lembro-me bem, havia poucas casas, alguns bares e um comércio, aqui era um lugar de pouco movimento, considerado um ponto de passagem para quem vinha da Ilha do Bananal, e de outros moradores da região (Entrevista com participante n.º em 2023).

A apresentação inicial da localidade delineava um ambiente rural, fazendo menção à fazenda de origem e à Ilha do Bananal, evidenciando, assim, uma conexão inicial com práticas agrícolas. Não obstante, durante as décadas de 1970 e 1980, era ainda uma região ainda marcada por vastas áreas desabitadas, coexistindo com setores produtivos (Giraldin, 2002).

Ao mencionar a cidade de Lagoa da Confusão, evidencia-se a transição para um ambiente urbano. O relato destaca, assim, o início de uma reorganização do espaço rural e das transformações urbanas na região. Inicialmente, o local apresentou-se com poucas casas, alguns bares e um comércio, caracterizando-o como um local de movimento reduzido. Essa descrição sublinha o processo de transição da ruralidade para a urbanidade, sinalizando a metamorfose que uma área experimentou ao longo do tempo.

Conforme o expressado por outro entrevistado:

a cidade mais próxima daqui era a cidade de Cristalândia, também conhecida como a cidade dos cristais, por ter sido povoada exatamente na época das descobertas das ricas jazidas do cristal de rocha, quartzo, lá era a sede do município. Nesse tempo o acesso à cidade de Cristalândia era muito difícil, pois não havia a pavimentação das estradas e o transporte era precário feito por poucos meios de transporte particular (Trecho de entrevista realizada em 2023).

Com base nesse contexto, é possível afirmar que durante os anos da ditadura militar, a nação testemunhava cenas de desrespeito aos direitos constitucionais e humanos, além de perseguição política e censura. Conforme destacado por Mechi (2014), a região Goiás-Tocantins era percebida como um vasto vazio demográfico, apesar da presença de posseiros,

indígenas, ribeirinhos e outras comunidades tradicionais. Nas palavras da doutora em história social, essa área era caracterizada por difícil acesso e infraestrutura limitada, levando os ideólogos do regime a acreditarem que poderia servir como uma possível frente de avanço para o comunismo.

Segundo Mechi (2014), a estratégia adotada pelo regime para enfrentar a presença de ideologias exóticas envolvia não apenas a repressão, mas também a promoção do avanço do capitalismo no Brasil por meio da modernização da agricultura. Esse pensamento, alinhado com a concepção do governo da época, buscava não apenas conter o avanço de ideias consideradas indesejáveis, mas também impulsionar o desenvolvimento econômico por meio da expansão do sistema capitalista.

Resumidamente, o recente crescimento demográfico em Goiás se caracterizou por um processo significativo de urbanização, acompanhado por uma notável diminuição na população rural. Os principais aglomerados populacionais foram observados no centro-sul do estado, predominantemente influenciados pelas áreas de Goiânia-Anápolis, no entorno do Distrito Federal, e em menor escala na região sudoeste goiana. De maneira evidente, essa explosão urbana demandou a diversificação das atividades econômicas para acomodar e sustentar os fluxos migratórios, conforme destacado por Estevam (1997, p. 159):

O êxodo rural em Goiás foi espantoso na década de 1980, mesmo com relação ao fenômeno a nível nacional e a sua urbanização, embora em ritmo mais acelerado, refletiu tendência constatada no país. A redistribuição urbano/rural foi mais intensa no estado em função da adoção de formas capitalistas de produção na agricultura, da valorização das terras, da apropriação fundiária especulativa e ainda tendo em vista a legislação que delegou direitos trabalhistas aos antigos colonos levando fazendeiros a preferir "expulsá-los" do que obedecer às normas legais.

Durante a entrevista, um participante destaca um aspecto relevante sobre o êxodo rural na região que atualmente abriga a cidade de Lagoa da Confusão.

Com o passar dos anos, mais pessoas foram chegando para essa região, e intensificou-se a visitação turística e o lugar começa tomar forma de cidade, com uma escola, uma unidade de saúde e comércio. Nesta época ainda não havia energia elétrica, a iluminação funcionava com um gerador a diesel no horário das 18 h até as 22h, e em muitas casas usavam as lamparinas (Trecho de entrevista em 2023).

Os aspectos ressaltados por essa entrevistada destacam as condições de vida e infraestrutura limitadas, em decorrência do êxodo rural nessa região. Nesse sentido, o artigo de Napoleão Araújo de Aquino (1995) sobre a construção da Belém-Brasília e suas implicações no processo de urbanização do Estado do Tocantins, organizado por Giralдин (2002), destaca a desigualdade nos processos de desenvolvimento regional, especialmente relacionados à construção da BR-153. O autor argumenta que tais processos ocorreram de maneira

extremamente desequilibrada, beneficiando de forma direta e imediata apenas a estreita faixa de terra cortada pela rodovia. Enquanto a região próxima à estrada experimentava melhorias e desenvolvimento, as áreas urbanas ao norte do paralelo 13, que não foram diretamente impactadas pela obra, continuavam com limitações, sendo quase exclusivamente concentradas no vale do Rio Tocantins.

Apesar de a construção da estrada ter sido iniciada na década de 1950 e inaugurada em 1960, com a pavimentação concluída nos anos 1970, o autor em questão destaca que foi nas décadas de 1970-1980 que a população urbana assumiu uma posição preponderante em relação à população rural.

Com o advento da estrada, foram ocorrendo alterações na dinâmica urbana, caracterizada pelo deslocamento da vida urbana das margens do rio para as proximidades da estrada. Esse deslocamento lento sugere uma concentração e transplante das atividades urbanas para a área beneficiada pela infraestrutura rodoviária em detrimento de outras regiões. Essa análise é enfatizada nas observações deste entrevistado:

O período que eu mais frequentei o lugarejo onde hoje é a Lagoa da Confusão, foi na década de 80, tínhamos uma fazenda bem próximo daqui, e eu tinha vários amigos da minha idade que também morava aqui, frequentávamos as festas, as rezas, depois do terço sempre tinha festa, era muito bom! (Entrevistada n.º 6, 2023).

Relembrando as lembranças de sua juventude, esta participante destaca que esses momentos foram um vislumbre da cultura e das formas de lazer que caracterizavam a juventude da década de 1980:

[...] naquele tempo não havia diversões para os jovens daqui, então quando era dia de reza todo mundo queria roupa nova para ir dançar ao som do forró que havia depois da reza. O carnaval era oportunidade de diversão, nos divertíamos ao som das marchinhas de carnaval daquele tempo, lá no popular bar do Cirilo e Almir Lacerda, localizados na beira da lagoa (Entrevistado n.º 6, Lagoa da Confusão).

A localidade de Lagoa da Confusão, outrora um reduto rural desprovido de progresso e caracterizado pela escassez de atividade, testemunhou uma fase inicial em que sua paisagem era habitada por posseiros e comunidades indígenas circunvizinhas. No que tange aos indígenas, a representação delineada pelo sociólogo José de Souza Martins, em sua obra: “*A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira*” (2000), nos conduz a um cenário que ecoa as narrativas e notícias dos primórdios, mantendo-se inalterada a concepção arraigada de ausência e desumanização do indígena ao longo dos séculos.

E a gente precisa ainda aqui na aldeia Catãmjê de construção de uma escola, temos uma escolinha num barracão de palha, precisamos da unidade de saúde. Precisamos de políticas públicas voltadas à sustentabilidade, apoio às nossas tradições. A gente

precisa de muitas coisas, né? Mas a gente está aqui na luta, firme, né? E lutando para que a gente possa fazer isso. Para que essas coisas possam acontecer (W. Katamy, 2024).

Figura 5 - Aldeia



Fonte: Foto cedida por L. K. Krahô Kanela (2023).

Conforme salientado por Martins (2000, p. 662), “esse passado profundamente inscrito nas mentalidades ressurgue a cada momento, se faz ver e ouvir a cada instante”. As marcas do passado persistem de forma contínua na experiência atual.

Figura 6 - Bolsas de palha



Fonte: Foto do arquivo da professora L. K. Krahô Kanela (2023).

Conforme as palavras do líder indígena Krahô Kanela, destacamos a existência de um projeto na aldeia Catãmjê que visa promover o intercâmbio linguístico em colaboração com o povo Krahô. Nesse contexto, são desenvolvidas atividades voltadas para a preservação e

fortalecimento da língua indígena, conhecida como Mēhījarkwa, abrangendo práticas como pintura, canto e demais expressões culturais.

Conforme exposto na tese de Mauro (2011), torna-se possível adquirir uma compreensão parcial do histórico dessa comunidade indígena.

O caso dos Krahô-Kanela é emblemático. Desde 1963 eles ocupavam um local conhecido como Mata Alagada. Ali construíram uma relação afetiva e simbólica muito forte. No final dos anos 1960, a área foi incorporada ao patrimônio do estado de Goiás enquanto terras devolutas. Na década seguinte, o Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás – IDAGO – loteou e vendeu a área a terceiros. Isso tudo aconteceu sem que os indígenas tomassem conhecimento. Em dezembro de 1976 eles foram expulsos por representantes daqueles que diziam ser os novos donos da terra. Estes últimos, por sua vez, ostentavam escrituras imobiliárias como prova de propriedade. Os indígenas ficaram indignados, pois, para eles, a territorialidade e o direito à posse não são definidos por documento escrito. A sua presença no local, o estabelecimento de sua forma de ocupação e produção tradicionais tinha muito mais valor e legitimidade que qualquer título imobiliário (Mauro, 2011, p. 17).

Os registros de posse referentes à região da Mata Alagada⁷ foram emitidos de maneira irregular, violando as normas estabelecidas pela Constituição Federal de 1967, com possíveis benefícios concedidos a particulares e, eventualmente, a alguns funcionários públicos do estado de Goiás. Conforme os relatos dos Krahô-Kanela, naquela época, nenhum especialista visitou a área para realizar uma vistoria que confirmasse a presença de habitantes no local. A pesquisa em fontes históricas revelou que o processo de colonização da Região Norte de Goiás (atual Tocantins) foi marcado por intensas disputas territoriais, especialmente entre as décadas de 1960 e 1980, período que testemunhou a desapropriação da Mata Alagada (Mauro, 2011).

Décadas após a expulsão, ocorrida em 1984, os Krahô-Kanela buscaram a Fundação Nacional do Índio (Funai), declarando-se como um grupo de ascendência indígena e procurando assistência do órgão para reaver seu território. Alguns técnicos e dirigentes da Funai se recusaram a auxiliá-los ou demonstraram hesitação em fornecer apoio mais substancial, questionando a "autenticidade" da identidade indígena do grupo.

Segundo os estudos de Mauro (2011), inicialmente, os Krahô-Kanela foram prejudicados por autoridades governamentais do estado de Goiás, que promoveram a usurpação das terras que ocupavam. Posteriormente, enfrentaram desafios por parte de autoridades federais, que se arrogavam o direito de determinar quem seria considerado indígena e quem não seria. Durante muito tempo, os Krahô-Kanela foram chamados de “caboclos” pelos não índios locais, sem aparentemente se incomodarem com isso, pois tinham a consciência de serem índios, e isso lhes bastava.

⁷ “A maior parte do território da Mata Alagada está hoje situada no município de Lagoa da Confusão. Mas este era um pequeno povoado que pertencia à Cristalândia e que só foi desmembrado em 1991” (Mauro, 2011, p. 87).

Somente na década de 2000 a FUNAI reconheceu cabalmente a identidade dos Krahô Kanela e passou a prestar-lhes assistência. No início de 2007, foi completado o processo de regularização de parte da área denominada Mata Alagada como Terra Indígena, podendo o grupo finalmente voltar a ocupar o local em definitivo (Mauro, 2011, p. 20).

Em Lagoa da Confusão, destacou-se uma professora historiadora notavelmente engajada nas comunidades indígenas locais, pautando-se por iniciativas pedagógicas sustentáveis visando aprimorar a convivência com tais comunidades.

Essa convivência fez com que eu me identificasse com a causa indígena, e como professora de História procurei trabalhar com os estudantes da cidade as questões indígenas no contexto geral e local, procurando sempre trazer uma experiência de aproximação entre os estudantes e os indígenas através do projeto 'Convivendo com as diferenças', que teve como meta promover o conhecimento através do contato cultural, para isso todo ano eu levava uma turma de estudantes para um dia de visita à Aldeia Boto Velho⁸, e sempre que possível lideranças indígenas vinha à escola promover palestras em dia de festa na escola, eram sempre convidados a participarem com seus artesanatos, pinturas e danças tradicionais (Entrevista gravada com professora, 2023).

Com base nesse argumento, podemos afirmar que a convivência direta com a realidade indígena desencadeou uma identificação aprofundada com a causa. No exercício da docência de História no Colégio Estadual Lagoa da Confusão, a entrevistada buscou abordar, de maneira abrangente, as questões indígenas para os estudantes urbanos. Ela estabeleceu um elo entre ambos os universos por meio do projeto 'Convivendo com as diferenças', cujo objetivo primordial era fomentar o conhecimento por meio de interações culturais, essa iniciativa representou uma ponte singular entre os alunos e as comunidades indígenas, contribuindo não apenas para enriquecer a compreensão dos alunos sobre a cultura indígena, mas também para estreitar os laços entre as duas comunidades.

A partir do final dos anos 80 e início dos anos 90, os primeiros imigrantes provenientes da região sul do país começaram a se estabelecer nesta região com o propósito de investir na agricultura. Agricultores notáveis, como os senhores Ary Vargas, Ivo de Moura, Natalício Slongo e outros, gradualmente tomaram posse do território, introduzindo alterações significativas e impulsionando atividades produtivas (Relato de um participante da pesquisa, Lagoa da Confusão, 2023).

Em conformidade com a fala desse participante, a análise focaliza as transformações urbanas decorrentes das alterações nos meios de produção, com ênfase especial na estrutura agrária da região. Em outras palavras, as mudanças urbanas estão vinculadas a modificações nos métodos de produção, particularmente na agricultura. Nesse contexto, a intervenção governamental desempenha um papel crucial, exercendo uma influência substancial na

⁸ Terra indígena Inybohony (lê-se inã - borronã) do povo Javaé, mais conhecida como Aldeia do Boto Velho, localizada na Ilha do Bananal.

comunidade local. Este progresso é evidenciado pelo testemunho da seguinte pessoa:

Os anos subsequentes foram marcados por um período de grande atividade e por um significativo aumento na migração. Dessa forma a região ganhou um impulso para o desenvolvimento agrário que motivou o desejo de emancipação política que ocorreu no ano de 1991. Nesse período, a eletricidade foi facilitada, água tratada, juntamente com a implementação da primeira rota de ônibus e a pavimentação asfáltica das primeiras vias da cidade de Lagoa da Confusão (Entrevista concedida por Benta Ferreira Lopes, Lagoa da Confusão, 24 de outubro de 2023).

Assim, a região experimentou um impulso para o desenvolvimento com a chegada do modelo de agronegócio baseado na mecanização, o que suscitou o anseio por emancipação política, concretizado em 1991. Sem dúvida, todos os entrevistados compartilham uma visão progressista da cidade, vendo-a constantemente como um polo de desenvolvimento regional.

O avanço da fronteira agrícola do agronegócio no entorno da Ilha do Bananal em sua parte leste, aproveita-se da abundância de recursos hídricos presentes na região do médio Araguaia e da boa qualidade para o plantio dos solos hidro mórficos (localizados sobre as várzeas e ipucas), que possibilitam a realização de duas safras diferentes de grãos por ano (arroz e soja), com elevados índices de produtividade agrícola por hectare de terra (Rodrigues, 2013, p. 20).

No que concerne à temática da memória histórica, em conformidade com o que é destacado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, observa-se que as histórias locais abrangem diversos aspectos significativos.

Tais histórias abrangem a chegada de populações de outros estados, com costumes, culturas e crenças distintas; ocorrência de migrações em razão de diferentes motivos; o desaparecimento total ou parcial de populações nativas, influenciado por questões históricas de âmbito nacional e internacional; modelos de regime de trabalho e distribuição de riquezas comuns a outras localidades e épocas; formas de produção alimentar intercambiadas com outras comunidades; comércio de mercadorias realizado por grupos ou empresas externas à região; modelos de administração pública compartilhados com outras coletividades, estabelecendo vínculos de identidade regional ou nacional; lutas sociais protagonizadas por grupos ou classes que extrapolam o âmbito local, como partidos políticos, organizações sindicais, movimentos ambientalistas, reivindicações de moradia ou de terra, pleitos por direitos das mulheres, das crianças ou dos idosos; práticas culturais, como festas nacionais, festividades religiosas, eventos culturais e esportivos, disseminados por meios de comunicação e ocorrendo em outras localidades; além de políticas nacionais e regionais decididas em diferentes locais, que exercem influência na dinâmica da região estudada (Brasil, 2001, p. 63).

Desse modo, enfatiza-se aqui a resistência dos pioneiros locais à insinuação quanto a alteração do nome da cidade de Lagoa da Confusão. Essa resistência está intrinsecamente ligada à preservação da identidade histórica e cultural da comunidade, refletindo a importância de compreender e respeitar as raízes da localidade. Participantes entrevistados expressaram indignação em relação a movimentos levantados na cidade, os quais insistiam na necessidade de alterar o nome da cidade, sugerindo a denominação "*Lagoa da Paz*". Contudo, os pioneiros

locais rejeitam veementemente qualquer proposta de modificação no nome da cidade.

A relevância desse ponto de vista é evidenciada no relato de uma comerciante local, ao enfatizar que apenas aqueles que desconhecem a verdadeira história de Lagoa da Confusão seriam capazes de cometer a afronta de querer modificar seu nome, uma ação que, segundo ela, configura uma interferência prejudicial na rica cultura local. Esse posicionamento ressalta a importância de compreender e preservar as raízes históricas e culturais da comunidade, demonstrando a resistência dos habitantes locais em face de propostas de alteração que possam comprometer a identidade única da cidade.

Nem tudo são aspectos positivos, e em atividades como essa, que envolvem entrevistas e diversas opiniões, é possível ouvir uma variedade de relatos. Ao abordar a temática do turismo em Lagoa da Confusão, percebem-se alguns pontos de ressentimento na resposta.

A narrativa acerca do turismo em Lagoa da Confusão, na atualidade, é considerada por mim como uma lenda que, em épocas anteriores, materializou-se como um convite à exploração de um local detentor de terras notoriamente produtivas para o setor agrícola. Naquele período, os migrantes chegavam à Lagoa da Confusão atraídos pela intrigante história da pedra que mudava de localização, enquanto os residentes, em sua ingenuidade, desconheciam o verdadeiro valor de suas propriedades. Assim, essas terras foram gradativamente cedendo lugar a grandes latifundiários, instaurando transformações no tecido social dessa comunidade (Participante n.º 3, 2024).

A entrada de contingentes provenientes de outros estados, sobretudo do sul do país, notadamente os gaúchos, com suas tradições culturais e crenças, emerge como um fator preponderante na intricada composição demográfica da área em estudo. Adicionalmente, as migrações impulsionadas por distintas motivações, especialmente aquelas voltadas para a agricultura, desempenharam um papel de destaque nesse contexto.

A busca por oportunidades no setor agrícola não apenas deixou sua marca na dinâmica econômica local, mas também teve um impacto profundo nas relações sociais e na configuração urbana, cujos reflexos reverberam nas transformações sociais e urbanas de Lagoa da Confusão.

É importante destacar que este estudo parte da abordagem qualitativa de pesquisa e tem como método a história do cotidiano por meio da modalidade oral. Dessa forma, o uso da história oral serviu para investigar a história de vida de pessoas da comunidade que atuam como sujeitos da história local a partir dos saberes. E, nesse sentido, a memória oral é a ferramenta para o ensino da história local ou regional que permitiu aprofundar a compreensão das conexões com o grupo de pertencimento, uma vez que oferece a oportunidade para dar voz a diversos narradores.

As histórias de vida constituem a base deste trabalho, porque põem em evidência a maneira como cada sujeito mobiliza conhecimentos, experiências e valores que vão compondo

suas identidades.

Conforme Certeau (1998), as possibilidades de diálogos a partir do inventário de relatos e práticas comuns pressupõe ainda a visão humanística de investigação que privilegia as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde as narrações vão abrindo caminho e delimitando um campo. Os relatos orais dão voz a essas pessoas que têm muitas experiências a serem compartilhadas, e através do “meio metamorfoseador da situação estas enciclopédias vivas assemelham-se a uma pedra filosofal” (Certeau, 1998, p. 158).

Ademais, a memória coletiva ocupa um lugar especial neste estudo, porque é memória viva, e com esse entendimento Halbwachs (1990) nos lembra que

Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que nos apresentem em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. [...] para que, atrás da imagem, ele atinja a realidade histórica, será preciso que saia de si mesmo, que se coloque do ponto de vista do grupo, que possa ver como tal fato marca uma data, o porquê penetrou nos grupos das preocupações, dos interesses e das paixões nacionais (Halbwachs, 1990, p. 60-61).

Como dito anteriormente, os ensinamentos de Halbwachs são relevantes para esta discussão, pois enfatizam a memória como fonte histórica que se apoia no ponto de vista das lembranças do grupo e essas memórias estão em constante transformações. De todo modo, José D’Assunção Barros, a partir dos seus escritos sobre história e memória, também reflete sobre a contribuição ímpar do sociólogo francês Maurice Halbwachs, quando menciona a relevância da dimensão social tanto na memória individual quanto na memória coletiva. Isso porque, de acordo com Barros (2009, p. 44),

mesmo o indivíduo que se empenha em reconstituir e reorganizar suas lembranças irá inevitavelmente recorrer às lembranças de outros, e não apenas olhar para dentro de si mesmo em conexão com um processo meramente fisiológico de reviver mentalmente fatos já vivenciados. Isso sem considerar o que é ainda mais importante: a memória individual requer como instrumental palavras e ideias, e ambas são produzidas no ambiente social.

A história é um quadro de mudanças, escreveu Halbwachs (1990, p. 88), “é natural que as sociedades mudam sem cessar, porque ela fixa seu olhar sobre o conjunto e não passam muitos anos sem que dentro de uma região desse conjunto, alguma transformação se produza”. Não é sem razão que Janaina Amado encontrou algumas respostas à questão, explorando as relações entre história e memória. E como conclusões do trabalho de campo, resumiu:

Parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas,

devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência (Amado, 1995, p. 131).

Nas palavras De Paula (1973, p. 835):

fica aqui também a honesta intenção de que sejam desenvolvidos estudos do passado, uma vez que, para conhecer o passado, é necessário conhecer o presente e está engajado nele. E como conhecer o passado, senão buscando sentir o palpitar de sua pulsação sócio-econômica?

De acordo com Barros (2009), a concepção contemporânea da memória rejeita a metáfora de um espaço inerte para o armazenamento de lembranças. Em vez disso, é necessário compreendê-la como um território vivo, político e simbólico, no qual as lembranças e os esquecimentos são abordados de maneira dinâmica e criativa, contribuindo para a constante reconstrução do ser social.

3.2 Memória em foco: Júlio Paternostro e a dinâmica política regional

No contexto desta pesquisa, cujo objetivo é explorar a memória local e a história da região em estudo, é relevante ressaltar a contribuição de diversos viajantes ao longo do tempo. Dentre eles, destaca-se a figura proeminente de Júlio Paternostro⁹, cuja obra intitulada "Viagem ao Tocantins", publicada em 1945, apresenta uma perspectiva privilegiada e minuciosa de sua jornada pela região. No referido relato, o autor descreve detalhadamente os vilarejos, estradas, campos, população e flora encontrados durante sua viagem.

Além de abordar a paisagem e a cultura local, Paternostro também destaca uma dinâmica política peculiar que despertou sua atenção na região. De acordo com suas próprias palavras, Paternostro (1945) evidencia o domínio supremo dos oligarcas de Goiás sobre o Estado, tratando-o como uma mera extensão de suas propriedades pecuaristas. Essa perspectiva representa um ponto de partida para a exploração da interseção entre a memória local, a história e as dinâmicas políticas que moldaram a região ao longo do tempo. Essa observação instigante representa um convite para esse contexto histórico, pois a partir desse entendimento é possível compreender as implicações sociais, políticas e culturais presentes naquela época, o que se mostra um ponto de partida significativo neste capítulo.

⁹ Júlio Novaes Paternostro, um médico sanitário e psiquiatra brasileiro, foi reconhecido pela sua obra "Viagem ao Tocantins" em 1945. De acordo com Florestan Fernandes, ele foi um pesquisador dedicado à exploração do sertão. Os escritos desse "livro honesto e sincero" foram considerados pelos intelectuais da época como um retrato detalhado do Brasil, oferecendo uma descrição minuciosa da região ribeirinha do Tocantins.

Com a intenção de esclarecer o silenciamento presente no contexto histórico abordado, Júlio Paternostro (1945) enfatiza a influência significativa da política dos coronéis, na qual a disputa por posições na Prefeitura atuava como uma entrada ao desenvolvimento dos municípios. A dinâmica consistia na alternância de poder entre dois partidos locais, e quando um assumia as funções administrativas, dedicava seu tempo a habilidades ou outro (Paternostro, 1945).

Em suas observações, Paternostro enfatiza que os coronéis, concorrentes em lugares da Prefeitura, agiam de forma a impedir o desenvolvimento das localidades. A política local era dividida entre dois partidos, e quando um deles ocupava os cargos de poder, o tempo era majoritariamente empregado para enfraquecer e prejudicar o outro

De acordo com os estudos do supracitado autor, dois partidos locais se revezavam no poder, e quando um assumia o controle administrativo, dedicava seu tempo a desmerecer e prejudicar o partido rival. Essa observação reveladora lança luz sobre a dinâmica política da época e oferece um ponto de partida essencial para a compreensão dos desafios enfrentados pelas localidades estudadas nesta pesquisa.

A análise das disputas políticas entre os partidos locais, conforme apontado por Paternostro (1945), lança luz sobre a dinâmica política da época e representa um ponto de partida essencial para a compreensão dos desafios enfrentados pelas localidades estudadas nesta pesquisa. De acordo com as observações do autor, o sistema de coronelismo, também denominado apadrinhamento, iniciou um processo de transformações notáveis por volta da metade do século XX. Essas mudanças coincidiram com o avanço das relações capitalistas em direção às regiões internas do país. Tal evolução resultou na conversão de áreas anteriormente tidas como vazias em espaços produtivos que se integraram ao mercado do Centro-Sul, representando uma quebra nas práticas tradicionais do coronelismo.

É importante destacar que durante o governo do presidente Getúlio Vargas, que abrangeu o período de 1930 a 1945, uma significativa iniciativa foi implementada e financiada pelo Estado, ficando reconhecida como a "Marcha para o Oeste". O cerne dessa empreitada consistia na construção das primeiras estradas no interior do Brasil sob a liderança de Vargas, essa ação visava integrar as regiões isoladas do país ao restante do território.

Para atingir esse objetivo, propunha-se a colonização das terras recém-acessíveis pela proximidade à rodovia BR-153, mais conhecida como Belém-Brasília. A edificação dessas vias tinha como escopo facilitar o acesso e fomentar a comunicação entre as áreas remotas e o centro do país, propiciando, assim, a ocupação e o desenvolvimento de regiões previamente mais distantes e menos acessíveis, dado que a construção da Belém-Brasília foi um marco de extrema

relevância histórica, não se restringindo apenas ao antigo Norte de Goiás, atual Estado do Tocantins, mas exercendo impactos significativos em todo o país. Os efeitos socioeconômicos, culturais e ambientais desencadeados pela estrada devem ser percebidos como fatores decisivos que impulsionaram a região tocantinense em direção aos primeiros passos rumo à modernidade.

Conforme Giralдин (2004), a referida transição não se desdobrou de maneira mecânica ou automática. O expressivo desenvolvimento urbano ao longo da rodovia, por um lado, e o esvaziamento das localidades ribeirinhas, por outro, não representaram uma migração em massa dessas últimas para as primeiras. O desafio se revela em uma complexidade substancial. Na realidade, as novas cidades receberam residentes provenientes de diversas regiões do país.

Entretanto, as localidades afastadas da rodovia, por não apresentarem as mesmas vantagens competitivas das cidades situadas ao longo da estrada, não apenas deixavam de atrair imigrantes, como também, pelas mesmas razões, experimentavam a diminuição de suas populações. Essas migrações não se restringiam apenas para as novas cidades regionais, mas também se direcionavam para os centros urbanos de maior porte.

No que tange a esta pesquisa, que teve como objetivo analisar as transformações urbanas do lugarejo que hoje se constitui na cidade de Lagoa da Confusão, é crucial destacar que as gerações brasileiras se desenvolveram sob o influxo das circunstâncias.

Ao abordar o processo de ocupação e povoamento da Região Norte, é importante destacar caracterização histórica dessa localidade. Ao longo dos anos, a área que agora compõe o Estado do Tocantins, conhecida até 1988 como Norte Goiano, testemunhou um processo de ocupação caracterizado por sua lentidão e por eventos traumáticos. Durante esse período, a região serviu principalmente como fonte de exploração para colonos e aventureiros em busca de enriquecimento rápido, conforme observado por Arbués em 2004.

No entanto, Delgado (2010) sintetiza a natureza fluida e em constante transformação da relação entre esses componentes, além de destacar como o tempo atua na dinâmica de interpretação e significado das experiências passadas.

Tempo, memória, espaço e História caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca e apropriação e reconstrução da memória pela história [...] sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do que foi vivido e a representação individual ou coletiva sobre o passado (Delgado, 2010, p. 33).

Da mesma forma, a obra de Mário Quintana estabelece um diálogo sinérgico com o conceito abordado na dissertação, já que ambos enfatizam de forma harmônica o papel crucial do tempo e da memória na formação das experiências humanas e na compreensão da história.

*O Tempo*¹⁰

*A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!*

*Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.*

*Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.
(Mário Quintana – 1906-1994).*

Figura 7 - O tempo



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Dessa forma, o poeta e jornalista Mário Quintana nos faz perceber que o tempo transcende a mera progressão linear, visto que, embora não seja passível de ser alterado, exerce influência ao modificar ou reafirmar o significado dos acontecimentos passados. Dessa forma, a intenção por trás desse recorte, que vai além da compreensão isolada de tempo e espaço, é questionar as relações sociais historicamente formadas dentro deles.

Em seguida, a partir da percepção da fugacidade do tempo, Delgado (2009) reitera que o futuro permanece imprevisível, mas o tempo pode projetar aspirações utópicas e traçar, com base no presente e nas influências do passado, perspectivas de um futuro desejável. Assim, o tempo desempenha um papel central na maneira como a história se desenrola.

¹⁰ Conhecido popularmente como "O Tempo", o poema de Mário Quintana tem como título original "Seiscentos e Sessenta e Seis". Foi publicado pela primeira vez na obra *Esconderijos do Tempo*, em 1980. O livro, escrito quando o autor estava com 74 anos, exprime a sua visão madura e sábia sobre a vida. Reflete sobre temas como a passagem do tempo, a memória, a existência e a velhice.

É notório que o tempo representa o elemento que marca o fluxo contínuo de eventos passados, presentes e futuros. Nesse contexto temporal, acontecimentos históricos são meticulosamente registrados e moldados, engendrando uma narrativa histórica que, por sua vez, configura e delimita uma cultura ou comunidade.

3.3 O impacto da Belém-Brasília na gênese do Tocantins

A implantação da BR-153, conhecida como Belém-Brasília, criou as condições logísticas para a instalação do novo modelo de produção capitalista na região. Isso foi viabilizado não apenas pelas facilidades fiscais fornecidas pelos programas federais SUDAM, GETAT e PROTERRA, mas também pela formação de uma "frente pioneira agrícola". Assim, a entrada das pequenas e médias cidades tocaninenses no circuito produtivo da economia global, por meio da atividade do agronegócio, resulta da interação complexa e dinâmica entre diversas realidades (global, nacional e local), conforme explicado pela atuação conjunta desses elementos (Cerqueira, 2013).

Outro grande desafio dessa obra foi justamente desbravar a floresta amazônica que até então era composta por uma mata extremamente fechada e inacessível. Vários foram os conflitos: brancos e índios, fazendeiros e arrendatários. Conforme Gomes (2002), confrontavam-se grandes proprietários e trabalhadores que eram contratados temporariamente e depois eram dispensados e impedidos de ficar nas terras onde haviam se estabelecido. A rodovia Belém-Brasília só veio a ser asfaltada em 1965, já no regime militar, e o fluxo migratório para a região não parou de crescer.

Nesse sentido, Silva (1997) acrescenta que os transportes de carga voltavam para o sul do país carregados de minério, madeira e banana, produtos amplamente disponíveis na Região Norte e que não eram distribuídos para outras regiões devido à abertura da autoestrada.

A conclusão que se pode tirar da natureza da construção de Brasília é que ela é resultado de um conceito geopolítico amadurecido por um longo período de tempo. Nesse sentido, acontece um novo conceito para a região de planalto. O caráter modernista da cidade-estado, o Brasil "descartado" dos anos 1950, a bossa nova, a ousadia dos "pioneiros modernos", o vácuo demográfico do sertão goiano, foram muitos fatores envolvidos na construção entre eles, a fé no "novo" Brasil de Juscelino Kubistchek. Mesmo quem não apoiou o trabalho de JK não deixou de demonstrar ou compartilhar esse sentimento. A cidade de Brasília foi muitas vezes criticada, mas nunca privada de seu direito de figurar e simbolizar a nova nação.

Conforme pesquisa realizada por Nascimento (2013, p. 27), inicialmente, a rodovia Belém-Brasília foi identificada como BR-014 nos primeiros anos de existência. Contudo, com a aprovação do Plano Nacional Rodoviário, houve uma alteração na nomenclatura, passando a ser indicada a BR-153 em uma extensão que abrange mais de 2 mil quilômetros dos 3.569 totais que se estendem desde o Rio Grande do Sul até Belém. Dessa extensão, 803 quilômetros estão situados no Estado do Tocantins.

O trecho comumente conhecido como Belém-Brasília percorre os estados do Pará, Maranhão, Tocantins e Goiás, tendo seu início em Anápolis e atravessando centros urbanos significativos em Goiás, como Jaraguá, Ceres, Uruaçu e Porangatu. No território tocantinense, abrange 21 municípios, sendo que dez deles surgiram durante o processo de construção da rodovia. Ao entrar no Maranhão, a Belém-Brasília atravessa localidades como Estreito, na divisão com o Tocantins, e segue para Porto Franco, Campestre do Maranhão, Ribamar, Riquente, Imperatriz (a segunda maior cidade do estado), Açailândia e Itinga. No Pará, as principais cidades ao longo do percurso incluem Castanhal, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Paragominas e Capanema (Nascimento, 2013).

Na transição histórica da região, o Rio Tocantins, que por muito tempo desempenhou um papel central como o único meio de transporte existente, foi gradualmente suplantado pelo advento do sistema rodoviário:

O rio Tocantins, único meio de transporte até então existente, perdeu espaço para o sistema rodoviário. As linhas hidroviárias, que faziam o tráfego Porto Nacional – Lajeado; Tocantínia - Pedro Afonso; Pedro Afonso e Tocantinópolis ficaram praticamente esquecidas (Nascimento, 2013).

Essa transformação marcante evidencia não apenas uma mudança nos meios de locomoção, mas também impacta diretamente na dinâmica socioeconômica da região.

Gonçalves (2015) relata que, a partir do início do século XVIII, a região nortense presenciou a chegada de imigrantes vindos de várias partes do Brasil e de Portugal. Esse influxo era constituído, predominantemente, por pecuaristas originários das Capitanias do Pará e do Maranhão, em busca de pastagens mais desenvolvidas para seus rebanhos.

Um segundo grupo foi formado por bandeirantes vindos de São Paulo e Minas Gerais, que estabeleceram empresas distintas para a exploração do ouro na área. O ciclo do ouro na região durou aproximadamente três décadas. Com o declínio dessa atividade, muitos imigrantes abandonaram a região nortense, permanecendo apenas alguns exploradores de ouro e os criadores de gado oriundos do Nordeste e do Norte. Esse processo contribuiu para a formação de uma sociedade local com uma cultura híbrida, distinta e predominante entre os habitantes do

centro-sul da Capitania de Goiás (Gonçalves, 2015).

A concepção e estabelecimento do Estado do Tocantins foram frutos de uma trajetória longeva, permeado por interesses econômicos, políticos e estratégicos de povoamento do território nacional, resultando ao longo de dois séculos em várias propostas, algumas esdrúxulas e destituídas das condições mínimas necessárias, enquanto outras despertaram interesse e contemplaram aspectos relevantes.

Por quase cinquenta anos, o movimento esteve em fase de “hibernação”, somente em 1920, os ideais separatistas voltaram a serem discutidos. Nesse contexto republicano, durante as três primeiras décadas do século XX, o poder político regional de Goiás esteve sob o domínio das oligarquias, as famílias Bulhões e Caiado, ambas originárias da capital da província. Nesse período, majoritariamente, as representações políticas, tanto da esfera federal quanto da estadual, eram compostas por políticos que defendiam os interesses da região centro-sul, mantendo o Norte praticamente sem força representativa, o que explicava a sua alienação dos programas de governo, ou seja, o cenário da região se mantinha inalterado, tal como era antes, quando o Brasil ainda era uma colônia de Portugal Goiás (Gonçalves, 2015, p. 16).

Essa trajetória de luta de certa forma quebrou a unidade do território goiano e dividiu, tanto geograficamente quanto economicamente e culturalmente, a capitania em duas regiões: norte e sul. Esse episódio representou um período de mudanças políticas e discussão sobre autonomia em Goiás, com ênfase nas dinâmicas de poder, oligarquias dominantes e desigualdades na representação política.

Dentre as contribuições da coletânea que abordam a transformação histórica do Tocantins, Giralдин (2002) ressalta o contexto regional, referindo-se à designação anterior como Norte Goiano até 1988.

A região que hoje se constitui o Estado do Tocantins, consagrado até 1988 como Norte Goiano, tem sido ao longo de sua história marcada por um processo de ocupação lento e traumático, servindo apenas de aporte para a exploração de colonos e aventureiros que para lá têm se dirigido em busca de enriquecimento rápido (Giralдин, 2002, p. 398).

Conforme o livro organizado por Giralдин (2002), no que concerne as transformações históricas do Tocantins, a região apenas não testemunhou um processo de colonização pacífica e estável, mas também se destacou como um interesse local devido a recursos naturais, oportunidades econômicas e outros fatores que atraíram indivíduos em busca de investimentos. O levantamento demográfico realizado em 1980 viabiliza uma avaliação do avanço da frente gaúcha sobre uma região. Os migrantes provenientes dessa frente se estabeleceram inicialmente no sul, sudeste e sudoeste de Goiás. A partir de 1978, essa concentração de migrantes expandiu-se para o centro-norte do estado, abrangendo os municípios de Alvorada, Formoso do Araguaia e Gurupi, que abrangem a região sul do atual estado de Tocantins (Arbués, 2004).

A presença dos gaúchos, no início dos anos 1980, é bastante significativa, acentuando-se nos anos posteriores com o esgotamento da fronteira agrícola do Sul. Atraídos pelas várzeas e pelos baixos preços das terras no Norte de Goiás, imigraram para a região em busca de melhores investimentos e condições de vida, como se observa na entrevista de um gaúcho à Folha de São Paulo: hoje um hectare no Rio Grande do Sul vale cerca de 20 hectares aqui na Lagoa.

3.4 Influência do estado do Tocantins na região da Amazônia Legal

Conforme os estudos de Lima, Brito e Alencar (2020), sobre políticas regionais no processo de desenvolvimento do território do Tocantins e dessemelhanças na ocupação espacial e econômica, observa-se que a dissociação entre as regiões Sul e Norte de Goiás é um processo de longo prazo que remonta ao período colonial, caracterizado por confrontos políticos em prol de uma visão específica de progresso.

Esse movimento separatista persistiu ao longo dos anos e culminou na materialização durante a Assembleia Constituinte de 1988. O artigo 13 das Disposições Transitórias da Constituição Federal formalizou a criação do Estado do Tocantins, resultando no desmembramento da região do Estado de Goiás. O novo ente passou a integrar a Região Norte, tornando-se parte da Amazônia Legal.

O Tocantins, a mais recente unidade federativa do Brasil, foi previsto pelo artigo 13 da Constituição Federal de 1988, após um processo de luta que se estendeu por mais de dois séculos. Durante esse período, a população do norte goiano reivindicou contra o abandono e as condições de miséria que enfrentavam.

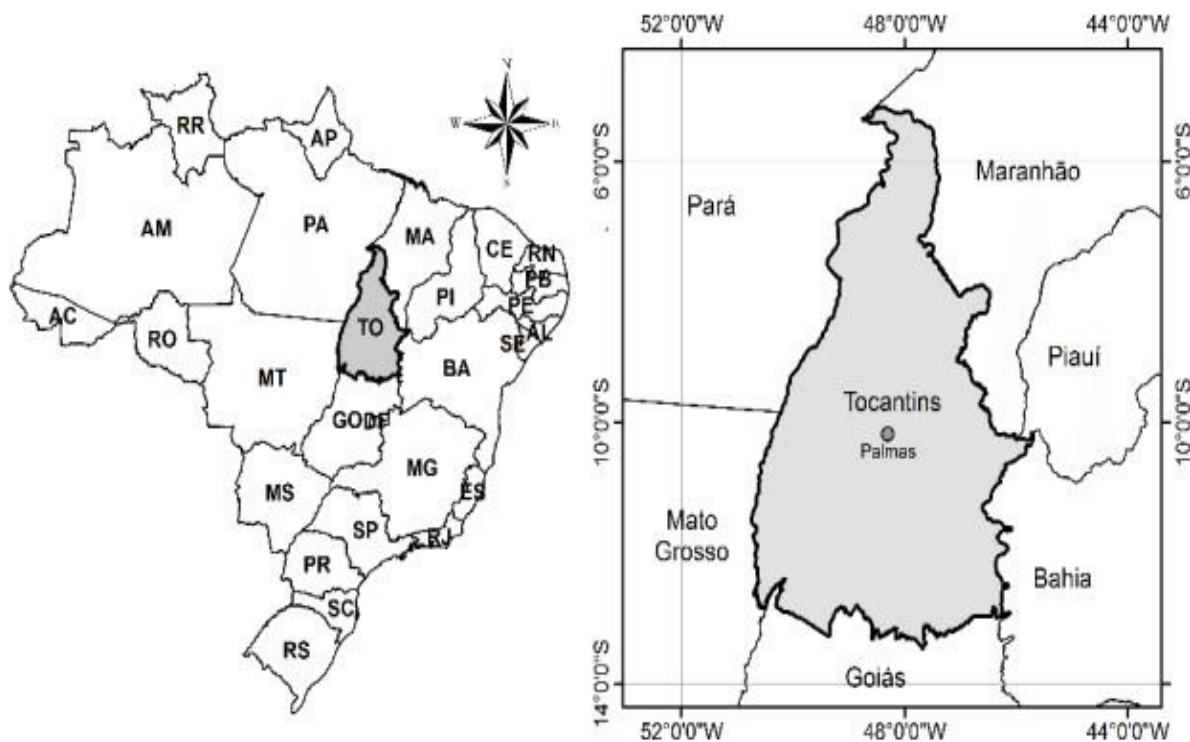
Após a criação do Estado do Tocantins, o governo promoveu uma política de expansão urbana com a finalidade de consolidar o território do novo Estado. Então, mediante o contexto determinado pela política de expansão urbana desenvolvida pelo primeiro governo estadual, interroga-se sobre quais aspectos foram utilizados para consolidar o território do Estado do Tocantins, tomando como referência as estratégias separatistas instituídas para dividir o Estado de Goiás, o processo de criação e estruturação do Estado do Tocantins, e partindo de uma sucessão de intervenções públicas e privadas, direcionadas à expansão urbana, pode-se, por conseguinte, dizer que Palmas foi construída em concordância com uma visão de consolidação territorial e política do Estado do Tocantins (Oliveira, 2012, p. 40).

De acordo com a tese de Oliveira (2012), após a fundação do Estado do Tocantins, o governo implementou uma estratégia de expansão urbana para consolidar o território da nova unidade federativa. Nesse sentido, considerando o contexto delineado pela política de expansão urbana do primeiro governo estadual, surge uma indagação sobre quais elementos foram

empregados para fortalecer o território do Estado do Tocantins.

Ao examinar as estratégias separatistas que conduziram à divisão do Estado de Goiás, o processo de criação e estruturação do Estado do Tocantins, e considerando uma série de intervenções tanto públicas quanto privadas externas para a expansão urbana, é possível afirmar que a construção de Palmas ocorreu alinhada a uma perspectiva de consolidação territorial e política do Estado do Tocantins (Oliveira, 2012).

Figura 8 - Localização do Estado do Tocantins - Brasil



Fonte: Adaptado de Patriota *et al.* (2017).

Antes mesmo de ser oficialmente criado em 1988 durante os debates da Assembleia Nacional Constituinte, o Estado do Tocantins se encontrava sob a jurisdição de Goiás. Sua origem remete ao século XIX, quando se delineou o primeiro movimento separatista. Ao examinar a historiografia que explora essa busca pela autonomia tocaninense, deparamo-nos com uma narrativa que revela uma intrincada construção política e social. Essa trajetória é caracterizada por laços de identidade, especialmente entre os protagonistas do movimento, e uma conexão profunda com a própria região.

Ao contrário do que usualmente se pensa sobre desenvolvimento do Norte, é importante compreender que o progresso não partiu exclusivamente do governo Juscelino Kubitschek, por conta da construção de Brasília. Antes disso, a Região Norte do país esteve e ainda está inserida

dentro da área da Amazônia Legal, que compreende os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão, localizados na Bacia Amazônica.

A Amazônia Legal surgiu através de análises estruturais e conjunturais realizadas por sucessivos governos federais, visando reunir regiões de idênticos problemas econômicos, políticos e sociais, com o intuito de melhor planejar o desenvolvimento social e econômico da região amazônica (Bruni, 2007).

Esse conceito de Amazônia Legal foi criado pela Lei nº 1.806, de 6 de janeiro de 1953, sob o segundo governo Vargas, tendo sido fruto muito mais de questões políticas e não de um imperativo geográfico. O diagnóstico é de que havia a necessidade do governo federal planejar e promover o desenvolvimento da região. Perfazendo uma superfície de aproximadamente 5.217.423 km² correspondente a cerca de 61% do território brasileiro, a região Amazônica foi definida, portanto, pela Lei, independentemente de sua área pertencer à bacia hidrográfica, de seu ecossistema ser uma selva úmida tropical ou qualquer outro critério semelhante (Bruni, 2007, p. 45).

A autora destaca, ainda:

Dos nove estados da Amazônia Legal, no ano de 2006, 55,9% da população indígena brasileira, ou seja, cerca de 250 mil pessoas, segundo dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) que pertence à Fundação Nacional de Saúde (FUNASA); abrangia 24 dos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas mantidos pela FUNASA e com uma grande diversidade étnica (cerca de 80 etnias) (Bruni, 2007, p. 45).

As memórias coletivas e individuais das populações indígenas da Amazônia Legal estão intimamente ligadas à construção da identidade e da história desses povos. Nesse sentido, os estudos apresentados por Eclea Bosi (1994) desempenharam um papel crucial neste trabalho, fornecendo um alicerce essencial ao inspirar as seguintes indagações: Qual será o impacto desses elementos na geração contemporânea? Conseguirei desenvolver uma linguagem que ressoe com as pessoas de hoje, mesmo considerando que seu nome possa ter uma relevância limitada? As lutas pela preservação da memória são temas com os quais todos estão familiarizados.

Além disso, na cidade de Lagoa da Confusão, é possível identificar dois períodos distintos de memória. O primeiro remonta ao tempo que antecede a emancipação, iniciado em 1975 com o primeiro loteamento e as primeiras moradias. Nesse período, a localidade se configurava como um pequeno povoado rural, era um Distrito do município de Cristalândia. O segundo momento coincide com a emancipação, marcando o desmembramento do município de Cristalândia. Esse marco ocorreu por meio da Lei n.º 251, datada de 20 de fevereiro de 1991.

A primeira fase de povoamento de Lagoa da Confusão, compreendida entre 1975 e 1991, foi marcada por inúmeras histórias e vivências:

[...] naquela época, era comum ver o povo percorrendo as terras conduzindo seu gado. Os vaqueiros, ao subirem no morro da caieira e no morro da boiuna, avistavam uma lagoa e partiam na esperança de encontrá-la. Passavam o dia inteiro em busca dessa paisagem, porém, não obtinham sucesso em encontrar a tão desejada beleza. Até que, em um dia qualquer, os cachorros que acompanhavam a comitiva perseguiram uma anta, que correu em direção à lagoa. Foi nesse momento que, finalmente, encontraram a belíssima lagoa (Trecho da narrativa de um entrevistado).

Conforme relato desse participante, os habitantes do povoado obtinham meios de subsistência por meio de atividades como caça, pesca e criação de gado.

Ao observar a cidade em duas fases distintas ao longo de sua história, inicialmente havia uma inclinação significativa para o setor turístico. Nesse período inicial, a cidade possuía uma notável atração ou potencial turístico. Contudo, após a emancipação, coincidiu com o momento em que a cidade se tornou independente administrativamente e politicamente. Essa orientação para o turismo diminuiu em importância.

Isso indica uma mudança significativa nas atividades econômicas e nos focos de desenvolvimento da cidade, passando de uma ênfase inicial em turismo para uma ênfase posterior em questões relacionadas ao agronegócio, como a produção agrícola e pecuária. Após sua criação como cidade, em 1991, acelerou-se o processo migratório e o crescimento no agronegócio na região, chegaram aqui imigrantes de várias partes do país, com destaque para os imigrantes da Região sul.

A partir de 1992, os projetos de irrigação e produção de arroz ganharam significativa representatividade para o município no contexto do agronegócio. A migração desempenhou um papel fundamental no povoamento de Lagoa da Confusão, sendo a grande responsável por essa transformação. Essa migração, aliada à vocação inicial voltada para o turismo, deu notoriedade à Lagoa da Confusão como um destino turístico local. No entanto, a realidade atual contradiz essa percepção, uma vez que o município se estabeleceu como um centro agroindustrial.

Esse ponto de vista é evidenciado no argumento de um morador local, ao destacar a existência de uma espécie de ideologia turística, mas não foi plenamente explorada, materializada em atividades econômicas concretas ligadas ao turismo. “*Apesar de existir a vocação latente para o turismo, a realidade atual indica uma lacuna significativa nesse setor*” (Trecho da entrevista de um morador local). Atualmente, a Lagoa da Confusão está incluída no ranking dos 100 municípios mais ricos do agronegócio¹¹, segundo levantamento feito pelo IBGE (2020), que identificou os municípios mais ricos do agronegócio do país. Duas classificações foram utilizadas: pelo valor da produção das lavouras permanentes e temporárias

¹¹ Entende-se o agronegócio como sendo o conjunto de operações, produtos e serviços produzidos no meio rural, indo desde o produtor de insumos para a plantação e criação até a distribuição dos produtos acabados para o consumidor final desses produtos ou serviços.

e pelo Produto Interno Bruto dos Municípios. Foram classificados 100 municípios, a partir do total levantado pelo IBGE, e verificada a posição de cada um em relação ao valor da produção e ao Produto Interno Bruto (PIB).

Segundo informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Lagoa da Confusão destaca-se como um dos municípios mais prósperos no agronegócio, sendo o único representante do estado do Tocantins no setor, ocupando a 59ª posição no ranking (O Progresso, 2022). A maioria dos municípios com alta produção está concentrada em Mato Grosso. Os estados de Mato Grosso, Bahia, Goiás e Mato Grosso do Sul abrigam a maioria dos municípios classificados entre os 100 mais ricos nesse segmento. Mato Grosso lidera com 35 municípios, seguido por Bahia com nove, Goiás com dez, Mato Grosso do Sul com 13, Minas Gerais com oito e São Paulo com seis.

Os demais municípios estão distribuídos em diferentes estados do país. Em 2020, os 100 municípios classificados contribuíram com um valor de produção de R\$ 151,2 bilhões, representando 32% do total estimado em R\$ 470,5 bilhões. O destaque desses municípios deve-se ao elevado valor da produção agropecuária e ao PIB municipal. Especificamente em Mato Grosso, a agropecuária tem uma participação significativa no PIB estadual, estimada em 21,36%. Exemplos notáveis incluem Sorriso, onde a agropecuária representa 26,65% do PIB municipal, e Sapezal, líder na produção de algodão, com 53,17% do valor do PIB municipal. Nessas situações, mais da metade do PIB municipal provém da agropecuária. Nos estados da região Norte do país, a agropecuária também desempenha um papel crucial no PIB, com destaque para Rondônia, com 13,9%, e Tocantins, com 14,17%.

De acordo com informações apresentadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, em 2020 o município registrou um valor de produção de R\$ 1.104.584,00, indicando uma contribuição significativa para a economia agrícola da região. Da mesma forma, no ano anterior (2019), Lagoa da Confusão contribuiu com R\$ 527.336,00 para o Produto Interno Bruto (PIB), evidenciando uma consistência no seu impacto econômico ao longo do tempo.

Localizada a 220 km da capital, Palmas, Lagoa da Confusão tem se consolidado também como palco de importantes eventos esportivos e culturais com tradicionais festas, como: Exposição Agropecuária, Cavalgada Ecológica, Baile do Arroz, Baile da Melancia, Hetohoky (que significa festa da casa grande), entre outras.

Conforme Freire (1996) argumenta na pedagogia da autonomia, é imperativo estarmos permanentemente receptivos ao chamado de Marx, que nos exortamos à radicalidade essencial, lembrando-nos da importância da luta pela preservação de direitos e interesses. É o cuidado

com os interesses que transcendem a mera divisão em grupos ou aulas puras que servem como o alicerce inspirador dessa filosofia.

Na argumentação desta depoente da cidade, torna-se evidente seu orgulho ao compartilhar um relato sobre um período progressista na história do município de Lagoa da Confusão. Esse período é marcado pelo processo de emancipação que ocorreu em 1991, um marco significativo na trajetória da cidade. Segundo suas palavras, foi um período de despertar social, no qual as transformações políticas e sociais estimularam a busca por mudanças e a esperança de um futuro melhor.

Em 1991, aos vinte e seis anos, mudei-me definitivamente para a cidade de Lagoa da Confusão, deixando para trás a zona rural. Nesse momento, comecei a lecionar para os estudantes do Colégio Estadual Lagoa da Confusão e, ao longo do tempo, tornei-me professora de História na mesma instituição. Essa mudança não apenas marcou uma transição geográfica, mas também simbolizou meu envolvimento e contribuição para o desenvolvimento educacional e histórico da comunidade (Narrativa de uma participante entrevista).

Ao enriquecer a compreensão do texto deste capítulo, as narrativas oferecem uma visão aprofundada do impacto positivo que esse período teve na comunidade de Lagoa da Confusão. Além disso, destacam o desafio inerente ao ensino de história local. Assim, ao explorar essas histórias, não apenas se amplia o entendimento do contexto, mas também se sustenta a perspectiva de que compreender o passado contribui para fortalecer os laços sociais e a identidade coletiva.

Ademais, o relato dessas experiências não só ilumina aspectos específicos da história local, mas também ressalta a importância de abordar o ensino de forma envolvente e relevante para as comunidades, conectando-as de maneira significativa com seu passado e presente.

Para ensinar História da Lagoa da Confusão nas escolas nunca foi uma tarefa fácil por falta de elementos didáticos e documentos, assim, geralmente trabalhávamos com a pesquisa oral, relatórios e entrevistas com os moradores mais velhos do lugar. Esses moradores eram convidados a comparecer na escola onde era realizada conversas em sala de aula ou em eventos escolares (Relato de um professor).

Entretanto, conforme destaca o depoente, essa abordagem enfrenta desafios ainda hoje:

Ainda hoje temos essa dificuldade para estudar a história do município, pois a documentação escrita é quase inexistente e as que tem são por vezes fantasiosas, o que causa confusão no estudo da história local. Os dados mais utilizados são da história política pós emancipação que se encontra na Câmara municipal que conta dos registros da história recente do município de Lagoa da Confusão (Trecho da narrativa de um professor).

Diante dessa perspectiva, a persistência dos obstáculos na transmissão do conhecimento histórico local revela a importância de explorar e incorporar as potencialidades da memória. A

abordagem tradicional, baseada na escassez de documentos escritos e na natureza fantasiosa de alguns relatos, exige uma resposta mais completa e fiel à realidade vivida.

A descoberta da Lagoa se deu no dia 11 de outubro de 1941, por um grupo de caçadores, sendo que a região já era habitada por fazendeiros, mas ninguém nunca havia conseguido chegar nas margens da lagoa, dizem ainda que do alto do morro da fazenda que hoje se chama fazenda Boiuna, as pessoas olhavam e avistavam a lagoa e vinha procura-la, mas nunca conseguiam encontra-la, depois de várias tentativas estavam quase desistindo, quando de repente avistaram a lagoa, e um deles exclamou: Eis a lagoa, essa danada! (Documento da Câmara Municipal de Lagoa da Confusão).

Seguindo a leitura do texto do mesmo documento,

A partir dessa descoberta, a lagoa deixou de ser um encanto, tornando-se uma realidade, um verdadeiro paraíso devido à sua beleza. A notícia sobre a descoberta desta bela lagoa logo se espalhou, identificando-a como Lagoa da Confusão e pertencente ao Município de Cristalândia. Com a revelação, começaram a chegar visitantes interessados em conferir sua beleza, transformando-a em um local propício para acampamento (Documento da Câmara Municipal de Lagoa da Confusão).

Esse trecho desse documento da Câmara Municipal de Lagoa da Confusão realça a dificuldade de acesso à informação histórica precisa sobre a Lagoa, exemplificando as limitações da abordagem tradicional baseada em documentos escritos escassos e relatos muitas vezes imprecisos.

Nesse sentido, a validade da memória coletiva é expressa nas narrativas daqueles que fazem parte dessa trajetória, são consideradas fontes vivas para suprir essas lacunas históricas e proporcionar uma compreensão mais fundamentada e autêntica na história do município de Lagoa da Confusão.

Com base na documentação levantada nos arquivos da Câmara Municipal, foram obtidas as seguintes informações:

O município de Lagoa da Confusão, Estado do Tocantins, situado a 54 Km de Cristalândia, a qual fez parte como distrito até o ano de 1992 e a 232 km de Palmas, Capital do Estado. Limita-se ao Norte com o município de Pium, ao Sul com Santa Rita, Dueré e Formoso a Leste com Cristalândia, a Oeste com o Rio Araguaia, Mato Grosso, através da Ilha do Bananal. Ocupa uma área de 10.770 km², com uma população, Censo IBGE 2010 de 10.215 habitantes (Documento da Câmara Municipal de Lagoa da Confusão).

Ao retomar as ideias de Le Goff (1990) é possível destacar que a memória possui potencialidades significativas para as ciências humanas, especialmente na história. Ela se configura como uma ferramenta essencial para aprofundar as relações com o grupo de pertencimento. Essa capacidade de preservar informações e, simultaneamente, nos guiar por um conjunto de funções psíquicas permite ao ser humano resgatar impressões e informações do passado.

Nessa mesma perspectiva, Bosi (1994) argumenta que, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Mais adiante, a supracitada autora complementa que a função social da memória consiste em desempenhar a alta função da lembrança:

Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relebrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora (Bosi, 1994, p. 81).

Nesse sentido, ao se tratar do indivíduo como testemunha da memória viva, o autor citado explica que uma memória coletiva se desenvolve a partir dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros (Bosi, 1994). Acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Um ponto de vista parecido ao de Bosi é compartilhado por Giraldin (2011), ao entender que os conjuntos de nomes, para os Apinajé, são um tipo de suporte e funcionam como enciclopédias, pois em cada um deles está integrado uma fonte da memória coletiva, através das ações dos seus portadores.

Ainda com relação aos lugares de memória, Maurice Halbwachs (1990), no livro *A Memória Coletiva*, expõe exemplos que comprovam a sua teoria de cunho social e coletivo das lembranças. Nas palavras de Halbwachs (1990), sobre as narrativas da sua vida particular:

Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas é a única fonte daquilo que eu quero repetir. [...] carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conservação ou pela leitura (Halbwachs, 1990, p. 54).

Conforme o testemunho do referido autor, é possível entender que a memória é a guardiã das nossas lembranças, e quando remetemos a essas memórias elas são as únicas fontes. Quando se aborda a memória individual, é fundamental compreender que ela não está isolada e fechada em si mesma. Conforme Halbwachs (1990, p. 54) enfatiza, “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros”. Essa perspectiva ressalta a interconexão das memórias individuais com as memórias coletivas, ressaltando a importância dos laços sociais na construção e evocação das recordações pessoais. E essa bagagem de lembranças pode ser aumentada por meio das conversas e leituras.

Desse modo, se por memória histórica entendemos a sequência de eventos cuja lembrança a história conserva, esta pesquisa se propõe a indagar e contextualizar os escritos das narrativas que se constituem em memórias coletivas. Logo, o conhecimento da própria história é parte fundamental para a formação identitária de uma sociedade.

Cabe aos historiadores a competência de articular as memórias individuais em narrativas dos fatos históricos que sejam capazes de construir uma memória coletiva (Souza, 2022). Nesse ponto, compartilho da opinião de Barros (2009), ao asseverar que “devemos pensar na memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos”.

Neste capítulo, consideramos a lembrança do outro como ponto de referência da memória, utilizou-se as palavras e as ideias como instrumentos de pesquisa, concentrando a atenção nas narrativas dos participantes. O objetivo é compreender, por meio dessas narrativas, as experiências individuais vividas em Lagoa da Confusão e o que esses indivíduos escolheram memorializar. Nesse entendimento, a abordagem deste estudo é fecunda, uma vez que as lembranças dessas pessoas compõem o repertório desta pesquisa.

Durante os longos anos que morei na Ilha do Bananal¹², os vizinhos mais próximos eram os indígenas da aldeia Boto Velho, com os quais a convivência era diária, e era muito pouco a presença de visitantes naquela região, isso fazia com que as relações entre vizinhos fossem mais intensas, isso contribuiu para criarmos laços de afetividade com esse grupo nativo. No dia a dia as crianças brincavam juntas e até hoje mantenho algumas amizades daquele tempo (Trecho da entrevista da participante n.º 2, 2023).

Nesse sentido, a narrativa histórica situa-se para além de todos os documentos. Conforme o historiador Paul Veyne (1998), a narrativa histórica, sendo uma descrição de eventos, molda todo o restante. Por ser uma narrativa genuína, ela não revive esses eventos da mesma forma que um romance; o vivido, conforme emerge das mãos do historiador, não é a experiência dos protagonistas; trata-se, antes, de uma narração, o que evita certos equívocos.

Similarmente a um romance, a história faz escolhas, simplifica, organiza, condensando um século em uma página, e essa síntese na narrativa é tão natural quanto a nossa própria memória ao evocarmos os últimos dez anos que vivemos.

O estudo da cultura política de um povo pode nos revelar preciosas informações acerca do não-dito. O povo é possuidor de uma pluralidade de culturas políticas, que se revelam dominantes ou não em cada contexto histórico específico. Tal cultura dominante irá se revelar como consensual, assumindo valor de tradição. Sua importância reside na adesão de indivíduos que interiorizam, fazendo com que ela se torne um dos motores de seus comportamentos políticos (Viscardi, 1997, p. 94).

O argumento destaca que a cultura dominante reside na adesão de indivíduos que a incorporam em seu modo de pensar e agir politicamente. Ela influencia os comportamentos políticos das pessoas, tornando-se um dos impulsionadores fundamentais de suas ações nesse

¹² A Ilha do Bananal, localizada no estado do Tocantins, é famosa por ser a maior ilha fluvial do mundo, com uma área de aproximadamente 25.000 km². Além disso, também é importante pelo seu patrimônio cultural em razão de sua população de cultura tradicional e indígena.

âmbito. Assim, o estudo que se segue instiga a compreensão das nuances políticas, emergindo como chave mestra para desvendar os intrincados meandros dos processos evolutivos de uma comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrarmos nas complexas transformações urbanas da cidade de Lagoa da Confusão, tornou-se manifesto que a presente pesquisa representa tão somente o ponto inaugural de uma investigação mais minuciosa e abrangente acerca do desenvolvimento dessa localidade singular.

No discurso dos entrevistados, foi possível observar a presença marcante da memória afetiva. De acordo com Mauro (2011), a análise de fontes orais no trabalho histórico possibilita ao pesquisador captar significados que transcendem a objetividade das palavras escritas. Essa compreensão é viabilizada pela interpretação de elementos, como expressões faciais, gestos, olhares, sorrisos, lágrimas, entonações de voz, ironias, interjeições e outras formas de expressão dos interlocutores.

Concordando com as perspectivas do referenciado autor, posso dizer que ao longo de minha jornada nas unidades escolares e na interação constante com os profissionais da educação do município, uma série de questionamentos emergiram, delineando o cenário problemático que esta dissertação se propôs a abordar. Um desafio notável que se destacou foi enfrentado pelos educadores ao abordar a história local, uma vez que a escassez de fontes que abrangem a memória coletiva limita a prática pedagógica e restringe a exploração mais profunda da historiografia da cidade de Lagoa da Confusão.

Até o momento, as análises decorrentes das entrevistas revelaram uma dualidade intrigante entre a vocação turística latente e a riqueza consolidada no setor agrícola. Esses elementos, verdadeiros pilares no processo de evolução urbana, emergem como aspectos relevantes a serem considerados no cenário em estudo.

Partindo da perspectiva histórica e da responsabilidade de discutir essa relação é imperativo reconhecer que nada neste empreendimento de pesquisa está definitivamente encerrado. Pelo contrário, abrem-se portas para outras pesquisas subsequentes que podem lançar luz sobre aspectos ainda não explorados e desvendar novos capítulos na narrativa de Lagoa da Confusão.

Em derradeira análise, esta pesquisa, longe de pretender ser conclusiva, figura como um convite intelectual para ulteriores estudos e análises acerca do destino de Lagoa da Confusão. A cidade, qual organismo vivo, perpetua seu processo evolutivo, e cada empreendimento investigativo subsequente pode enriquecer a compreensão de sua essência e potencialidades. Assim, impelidos pela chama da curiosidade e pela ânsia insaciável pelo saber, adentramos um

território vasto e promissor, pronto para desvelar os enigmas e desafios que se deparam na encruzilhada entre o passado, o presente e o futuro desta comunidade urbana, em uma jornada de descobertas contínuas e renovadas.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, N. A. de. **A construção da Belém-Brasília e a modernidade no Tocantins**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1996.
- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, 1995.
- ARBUÉS, M. P. A migração e a construção de uma (nova) identidade regional. In: GIRALDIN, O. (org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. 2. ed. Goiânia: UFG, 2004. p. 395-442.
- BARROS, J. D'A. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, jan./jul. 2009. Disponível em https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BRUNI, F. Z. **Ideais separatistas e autonomia política: depoimentos sobre a criação do estado do Tocantins**. 2007. 98f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2007.
- BURKE, P. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991.
- CERQUEIRA, E. da S. Mudanças decorrentes da expansão da monocultura da soja no estado do Tocantins: Diagnóstico socioeconômico dos municípios de campos lindos e Lagoa da Confusão. **Perspectiva Geográfica**, v. 8, n. 9, 2013. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/9342>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**. Parte I - Artes do Fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COELHO, D. C. **Levantamento da fauna de morcegos da caverna Casa de Pedra, no município Lagoa da Confusão, TO**. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), 2006. Disponível: <https://dspace.icmbio.gov.br/jspui/handle/cecav/407>. Acesso em: 8 maio 2024.
- DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- DELGADO, L. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DE PAULA, Eurípedes Simões. Trabalho livre e trabalho escravo. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 6., 1971, Goiânia. **Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. Trabalho livre e trabalho escravo. São Paulo: FFLCH-USP, 1973.

ESTEVAM, L. A. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás**. 1997. 180f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 1997.

FONSECA, S. G. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, v. 9, n. 1, 2012. DOI: 10.51880/ho.v9i1.193. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/193>. Acesso em: 9 nov. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIRALDIN, O. (org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

GIRALDIN, O. (org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. 2. ed. Goiânia: UFG, 2004.

GIRALDIN, O. Nomes, tradição oral e identidade: os nomes pessoais entre os apinajé. **Revista Mosaico**, v. 4, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2011. Disponível em: www.uft.edu.br/nea1. Acesso em: 20 mar. 2021.

GOMES, Â. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (orgs.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002.

GONÇALVES, S. R. **O movimento separatista do Tocantins: análise das reportagens dos jornais A Folha de São Paulo e O Popular na década de 1980**. 2015. 59f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/15742>. Acesso em: 13 nov. 2023.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades do Tocantins – Lagoa da Confusão. **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/lagoa-da-confusao/historico>. Acesso em: 6 set. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Lagoa da Confusão. **IBGE**, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/lagoa-da-confusao/panorama>. Acesso em: 8 maio 2024.

LE GOFF, J. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

LIMA, J. A.; BRITO, M. de S.; ALENCAR, E. de A. B. Políticas regionais no processo de desenvolvimento do território do Tocantins: dessemelhanças na ocupação espacial e econômica. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 14, p. 89-101, 2020.

MARTINS, J. de S. **A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Martins_JS_103_1130396_AVidaPrivadaNasAreasDeExpansaoDaSociedadeBrasileira.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.

MAURO, V. F. **A trajetória dos índios Krahô-Kanela: etnicidade, territorialização e reconhecimento de direitos territoriais**. 2011. 218f. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, 2011.

MECHI, P. S. Resistências camponesas na região do Tocantins nas décadas de 1970 e 1980. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH*, 22. **Anais...** Santos: ANPUH, 2014. Disponível em https://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406909159_ARQUIVO_Resistenciascamponesasna regiaodoTocantinsnasdecadasde1970e1980.pdf. Acesso em: 6 dez. 2023.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História local: Contribuições para pensar, fazer e ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINOIS, G. **História do futuro: dos profetas à prospectiva**. São Paulo: Unesp, 2016.

NASCIMENTO, J. B. do. Processo de emancipação dos municípios do Tocantins. **Revista Geonorte**, v. 4, n. 12, p. 1648-1662, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/1258>. Acesso em: 24 out. 2022.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

O PROGRESSO. Ranking do Mapa aponta Lagoa da Confusão como único município do Tocantins entre os 100 mais ricos do agronegócio. **O Progresso**, 24 jan. 2022. Disponível em: <https://oprogressonet.com/noticia/14854/ranking-do-mapa-aponta-lagoa-da-confusao-como-unico-municipio-do-tocantins-entre-os-100-mais-ricos-do-agronegocio>. Acesso em: 10 maio 2024.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 11 jun. 2022.

- OLIVEIRA, J. M. M. **Estratégias separatistas e ordenamento territorial: a criação de Palmas na consolidação do estado do Tocantins**. 2012. 295f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- PARENTE, T. G. **Fundamentos históricos do estado do Tocantins colonial**. Goiânia: UFG, 2003.
- PATERNOSTRO, J. **Viagem ao Tocantins**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/334>. Acesso em: 8 maio 2024.
- PATRIOTA, J. N. *et al.* Avaliação das ocorrências de incêndios florestais no Estado do Tocantins. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 12, n. 3, p. 518-523, 2017.
- PESAVENTO, S. J. História Regional e transformação social. *In*: SILVA, M. A. (org.). **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- PIN, A. E. **História do povo Javaé (Iny) e sua relação com as políticas indigenistas: da colonização ao Estado brasileiro (1775-1960)**. 2014. 161f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- POLLAK, M. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, D. B. **O Projeto Rio Formoso e a reprodução ampliada do capital no entorno da Ilha do Bananal: concentração da riqueza, exclusão e resistência**. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/360>. Acesso em: 1 fev. 2023.
- RODRIGUES, P. M. **A caminhada Tanyxiwè: Uma teoria Javaé da História**. 2008. 933f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Chicago, Chicago, Illinois, 2008.
- SANTOS, R. F. B. dos. **Os novos municípios do estado do Tocantins, criados pós 1989 e os usos do território**. 2020. 104f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2020.
- SILVA, O. B. da. **Breve história do Tocantins e de sua gente: uma luta secular**. 2. ed. Araguaína: Federação das Indústrias do Estado do Tocantins, Solo Editores, 1997.
- SILVA, D. Marcha para o Oeste no Estado Novo. **Brasil Escola**, 2024. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/estado-novo-marcha-para-oeste.htm>. Acesso em: 8 maio 2024.
- SOUZA, E. F. de. A memória como ferramenta para uma historiografia regional. **Revista de História Regional**, v. 27, n. 1, p. 515-170, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/20056>. Acesso em: 7 set. 2022.

TOLEDO, M. A. L. T. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. **Antíteses**, v. 3, n. 6, p. 743-758, 2011. DOI: 10.5433/1984-3356.2010v3n6p743. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/4388>. Acesso em: 8 dez. 2023.

TRAVERSO, E. **O passado, modos de usar**: história, memória e política. 2. ed. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

VEYNE, P. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade, 1998.

VISCARDI, C. M. R. História, Região e Poder: A busca de Interfaces metodológicas. **Lócus: Revista de História**, v. 3, n. 1, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20441>. Acesso em: 9 nov. 2023.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Ester Braga de Araújo Bernardi (UFT/PPGHispam), estudante de Mestrado do Programa de Pós Graduação em História das Populações Amazônicas (PPGHispam). Universidade Federal do Tocantins no Campus de Porto Nacional, convido o(a) Sr(a):

_____ para participar da pesquisa intitulada “A CIDADE DE LAGOA DA CONFUSÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS”, a pesquisa tem por objetivo discutir, a partir dos conceitos de memórias e narrativas dos moradores locais, visando compreender os aspectos que configuram as transformações urbanas de Lagoa da Confusão no período de 1.975 a 1.991. Partindo da prática de coleta de depoimentos das histórias de vida, com o intuito de interpretar como as pessoas do lugar imprimem seus percursos em relação a reconstrução do passado.

O tema tem grande importância para a memória coletiva local, trata-se de uma investigação pertinente por ter relevância social, uma vez que trará contribuições positivas para o coletivo da educação, e para a comunidade em geral, além do enriquecimento profissional e social. Dessa forma será necessário a realização de entrevistas gravadas para entender as experiências e memórias, assim, posteriormente transcritas para análises das falas, sendo necessárias em torno de duas visitas para a completa realização da coleta de dados. Além disso serão feitos registros fotográficos, e anotações em diário de bordo. Se autorizado pelo(a) Sr(a) a gravação das conversas, as tais serão registradas, porém apenas com o consentimento. Informo que o(a) Sr(a) tem garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) – UFT localizado no Campus de Palmas (cep_uft@uft.edu.br). Um CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outras pessoas, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes. O(a) Sr(a) tem o direito de ser mantido informado sobre os resultados parciais da pesquisa e caso seja solicitado, darei todas as informações necessárias. Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Não haverá

benefícios diretos à sua participação, mas em termos social e ao ensino das Ciências Humanas, além do benefício óbvio concedido ao(s) pesquisador(es). A pesquisa não apresenta nenhum risco à sua saúde, mas todo o material recolhido como registros fotográficos, notas de caderno e textos das transcrições das gravações, vídeos/filmagens receberão análise e poderão ser expostos em textos e à avaliação de pesquisadores ou professores em universidades ou escolas, o que poderá gerar eventuais desconfortos aos participantes do estudo. Os benefícios do estudo será a compreensão da percepção dos entrevistados viabilizará a obtenção de maior conhecimento a respeito da memória como espaço de lembrança e conseqüentemente como produto social que está contida na sociedade que a reconstrói. O(a) Senhor(a) pode ter acesso às cópias de todo esse material produzido, bem como ao trabalho concluído. Mas, para amenizar tais desconfortos, a privacidade do participante será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo(a), será mantido em sigilo. Além disso, quando se tratar da análise de dados da pesquisa, será empregada uma linguagem em um nível capaz de minimizar efeitos que possam gerar desconforto aos participantes. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação. Certifico que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, você poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço ester.braga@mail.uft.edu.br Setor Central Avenida Antônio Alves Duarte, nº 1.120, Quadra 33 Lote 03 CEP 77500-000 | Lagoa da Confusão /TO. Telefone (63) 99233-2636 | www.uft.edu.br | pphispan@mail.uft.edu.br. E do orientador Odair Giraldin no endereço giraldin@mail.uft.edu.br Telefone (63) 9965-1649 | www.uft.edu.br | pphispan@mail.uft.edu.br.

APÊNDICE B - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Nome: _____

Assinatura do Participante: _____

Nome: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Nome: _____

Assinatura do Orientador: _____

APÊNDICE C - FICHA DO INFORMANTE

Entrevista n°: _____

Nome do entrevistado(a): _____
Profissão: _____
Estado civil: _____
Escolaridade: _____
Ocupação atual: _____
Data e local de nascimento: _____
Endereço: _____
Contato: _____
Data e local da entrevista: _____

ROTEIRO NORTEADOR PARA A ENTREVISTA**I Parte:**

Me conta quando chegou para morar em Lagoa da Confusão?

As recordações da cidade antes da emancipação? Fale das lembranças que você tem. Como você fazia para ensinar a História de Lagoa da Confusão aos alunos? Me fale destas lembranças.

As escolas? Fale um pouco destes lugares de memória...

II Parte:

Processo de urbanização de Lagoa da Confusão. Influência do agronegócio em Lagoa da Confusão. Contribuições da ideia de turismo na cidade?

As comunidades indígenas de Lagoa da Confusão? Você quer acrescentar mais algum comentário..

ANEXO A - PRODUTO FINAL CURSO DE EXTENSÃO

Diante da necessidade de desenvolver o produto final do mestrado profissional, decidi aproveitar a oportunidade de contribuir para a escola onde estou atualmente lotada, o CELC - Colégio Estadual Lagoa da Confusão, situado no município de Lagoa da Confusão. Lecionei nessa instituição de ensino no período entre 2011 e 2014, desempenhando as funções de professora para turmas do Ensino Fundamental, bem como ministrando disciplinas de Filosofia e Sociologia para turmas de Ensino Médio. Desde então, atuo como coordenadora pedagógica no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com o intuito de criar um projeto e material de apoio pedagógico, busquei integrar essa experiência ao desenvolvimento do produto final do meu mestrado.

Neste estudo, empregamos a entrevista como um método auxiliar para a coleta de dados. Sob essa perspectiva, José Carlos Sebe Bom Meihy destaca um aspecto de extrema importância: seria um equívoco supor que o emprego de entrevistas denote novidade. Ele enfatiza que, ao longo do tempo, elas constituíram-se como um recurso para a formulação de argumentos transmitidos para a cultura em diversos patamares. De pais para filhos, de geração para geração, no cotidiano, ao longo dos séculos, as pessoas compartilham suas experiências, preceitos e ensinamentos úteis de maneira natural. Existe, portanto, uma certa naturalidade na comunicação. Entretanto, isso não deve ser confundido com entrevistas que se caracterizam por um mínimo de propósito e formalidade (MEIHY, 2005, p. 91).

Ademais, a compreensão do passado, tida como a chave para vislumbrar o futuro, revela-se como um ponto crucial na perspectiva de Georges Minois. Nesse contexto, o historiador destaca a indissociabilidade entre história e futuro, argumentando que entender o primeiro possibilita antever o segundo. Minois fundamenta sua análise na ideia de uma lógica cíclica que permeia a vida do mundo, em que tudo reinicia ao término de cada ciclo, de forma perpétua (MINOIS, 2016, p. 11-12).

Objetivo Geral:

- Introduzir os participantes à história e ao contexto de Lagoa da Confusão.
- Explorar as transformações urbanas ao longo do tempo, através das memórias dos moradores.
- Promover uma compreensão inicial do impacto das mudanças urbanas na cidade.

Outras sugestões de aplicabilidade do Curso de extensão:

- Promover a formação contínua de professores da educação básica;
- Apresentar os resultados dessa pesquisa em seminários e congressos.
- Utilizar como material complementar para os estudantes do Ensino Médio
- Duração da aplicabilidade do curso: 3 aulas de 60 min e mais 30 min para debate.

1º momento: As transformações urbanas do município de Lagoa da Confusão, sua localização e importância ao longo do tempo.

Apresentar o vídeo 1 – A importância da vocação do turismo em Lagoa da Confusão

Levantar uma discussão sobre a relevância das memórias dos moradores na compreensão das mudanças urbanas.

2º momento: Memórias e Transformações Urbanas

Apresentar o vídeo 2 – A importância do agronegócio em Lagoa da Confusão

Levantar a discussão sobre a importância do agronegócio no processo de transformação de Lagoa da Confusão.

Abordagem sobre desenvolvimento sustentável e os desafios futuros para cidade de Lagoa da Confusão

Análise de fotos antigas da cidade e comparação com a situação atual.

3º momento: As transformações urbanas de Lagoa da Confusão a partir das memórias dos moradores locais;

Apresentação de vídeo 3 – história oral de vida

Reflexão sobre o impacto dessas mudanças urbanas nas comunidades locais.

Sugestões e propostas para preservar o patrimônio cultural enquanto se planeja o futuro da cidade.

Ações:

- Realizar cursos de extensão nas escolas, sobre o tema abordado na pesquisa;
- Enviar ofício para a escola solicitando a autorização p ministrar o curso;
- Termo de autorização para ministrar o curso de extensão;
- Participação mediante prévia inscrição por meio do formulário google forms, com o objetivo de participação no curso de extensão ofertado no espaço da escola;
- Encerramento e entrega de certificados para os participantes.

Resultados esperados:

- Disponibilizar a proposta pedagógico complementar para instigar a conscientização historiográfica dos estudantes da Educação Básica, além da dissertação. Preferencialmente na área de ciências humanas;
- Contribuir com o DCT (Documento curricular do Tocantins) da área de ciências humanas;
- Discussão das análises e propostas para o futuro.